

"Encantador e
surpreendente"

Bruna Fontes

UMA MONOGRAFIA SOBRE



ENGARRAFAMENTOS

romance de estreia de

ANA YASSUDA



UMA
MONOGRAFIA
SOBRE
ENGARRAFAMENTOS

UMA MONOGRAFIA SOBRE ENGARRAFAMENTOS

Copyright © 2018 by Ana Yassuda

Copyright © 2018 Duplo Sentido Editorial

Esta é uma obra de ficção. Os acontecimentos descritos, nomes e personagens são produto da imaginação da autora.

Todos os direitos reservados pela editora Duplo Sentido Editorial. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia por escrito da editora.

1ª edição – Novembro de 2018

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Bruna Fontes

REVISÃO

Tamara Soares

Vanessa S. Monteiro

DIAGRAMAÇÃO, CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Vanessa S. Marine

IMAGENS MIOLO

Freepik.com

LEITURA SENSÍVEL

Lívia Santos

CONTATO

duplosentidoeditorial@gmail.com

[@duplosentidoed](https://www.duplosentidoed.com)

www.duplosentidoeditorial.com

Para minha avó Lisette, que, ao invés de me dizer para parar de ler, sugeria que eu fosse ler lá fora, para ao menos tomar ar puro.

Introdução

O termo “monografia”, livre de todas as acepções assustadoras que são impostas na vida universitária, refere-se simplesmente a uma espécie de estudo, investigação ou “descrição especial e exaustiva de um único assunto”. De acordo com o dicionário online que acabei de consultar, este assunto pode ser um tema, uma pessoa ou uma região, pormenorizado em informações, análises e interpretações que agreguem valor relevante e original à problemática abordada.

Pois bem. Tendo isso em mente, nesta noite abafada de ano novo em que me encontro agora, proponho-me a executar um aprofundamento no tema *engarrafamentos*, verbalizando o que meu silêncio em meio à multidão ruidosa espalhada pela areia da praia não pode transmitir.

É possível que isso envolva, além do tema proposto, uma determinada região e uma pessoa, deturpando meu propósito monográfico inicial; todavia, é deveras curiosa, devo observar, a maneira como um simples acúmulo de carros em uma via supostamente expressa pode se revelar tanto fantástico como tedioso — dependendo do ponto de vista.

O que também oscila entre o curioso e o incompreensível em minha mente é como não conseguimos perceber com facilidade a forma através da qual estamos todos — eu, você, a atendente do posto de gasolina, o vendedor de balinhas no semáforo... — conectados por uma teia de coincidências e oportunidades que muda e influencia nossos trajetos a cada instante. Cada ação mínima causa uma modificação nessa teia, e a ela estamos ligados por milhares de pequenos fios, estabelecidos e desfeitos em átimos de segundo.

Um engarrafamento é como uma convergência de inúmeros fios dessa teia, e não tenho nada a perder tentando desembaraçar alguns que dizem respeito a um certo congestionamento em particular.

Paciência, que a noite é longa.

Estenda a sua canga sobre a areia, aqui perto de mim, e mantenha os olhos bem abertos para ver os fogos de artifício enquanto eu desfilo minha história.

E feliz ano novo.



Em uma galáxia muito, muito distante, mais conhecida como o limbo automobilístico que é a Avenida Tiradentes no final do expediente de sexta-feira, eu, Matheus Albuquerque, vinte e três anos de idade, pendia cansado sobre o volante e exasperado com o atraso. Não era como se tivesse qualquer motivo grandioso para isso: era apenas mais uma sexta, e eu queria voltar para casa. O ano mal havia começado e já me sentia exausto, esgotado pelo trabalho e pela rotina, representando uma versão impaciente e amarga de um Matheus que nunca havia sido, bem distante do que planejava ser quando me formei na universidade pelo curso de Química e consegui meu primeiro trabalho.

O sol estava terminando de se pôr em um espetáculo de rosa e laranja que certamente era digno de aplausos, mas tudo o que fiz foi sacar o celular para tirar uma foto enquadrando o volante e o congestionamento do trânsito à minha frente. Adicione a ela a legenda mais mal-humorada que conseguir imaginar. Esse era o tipo de energia ruim que eu estava prestes a disseminar pela internet. Mas todos nós estamos presos àquela teia de coincidências da qual falei alguns momentos atrás, e um fio dessa teia se soltou nesse mesmo momento, reverberando no meu trajeto.

Foi um estrondo oco, surdo. Um frear de pneus guinchando no asfalto em meio ao engarrafamento, superando o ruído das buzinas, dos motores e dos gritos dos vendedores ambulantes, seguido pelo ronco de um motor acelerando para bem longe e um sedã rosa claro costurando entre os demais carros, rápido demais para o esboço de qualquer reação. Logo em seguida já havia uma comoção que

se espalhava entre os motoristas em algum ponto da via à minha frente, e desisti de divulgar a foto comprobatória da veracidade de minha reclamação boba sobre um dos males de viver na cidade com uma das maiores frotas automobilísticas do país.

Desisti por causa do acidente e também ao lembrar que meu celular havia quebrado na semana anterior, sendo o aparelho em minhas mãos pertencente à minha irmã — uma pessoa assustadoramente calma que sempre prefere ver o lado bom da situação, assim como eu costumo tentar ser.

Respirei fundo, e, pensando em ao menos realizar uma boa ação, registrei o acidente no aplicativo do GPS, para alertar os demais motoristas de mais um atraso em seus caminhos de volta para casa. O Waze era bem útil, apesar de eu não saber como usá-lo direito; ao menos não iludia seus usuários com caminhos aparentemente rápidos que não consideravam o trânsito de São Paulo. O que minha irmã Júlia mais recebia em sua caixa de notificações do celular eram avisos de tráfego lento e curtidas nos avisos que colocava para os demais usuários de acidentes e radares. Se ela não estava ali para registrar esse acidente, pelo menos eu deveria fazer isso pela boa pessoa que era Júlia na internet.

Tamborilando as mãos no volante enquanto esperava a nova janela do aplicativo ser carregada, divaguei pelo conhecimento acumulado para as provas de vestibular que ainda insistia em ocupar inutilmente espaço na minha memória. Toda colisão mecânica — dizia o professor Messias — é constituída por duas fases: a fase de deformação ou contato, na qual os corpos se colidem e a energia existente entre eles é convertida em algum outro tipo específico de energia (como a sonora, que produz o estrondo oco), e uma possível fase de restituição das deformações causadas pelo encontro de suas superfícies, seguida pela separação dos corpos colididos.

Lembro-me de ter balançado a cabeça, pensando que nada disso adiantaria para remediar o estrago que devia ter sido feito por aquele sedã cor de rosa, por mais que meu antigo professor de Física e Química tentasse fazer com que os alunos buscassem aplicar o conhecimento do colégio em seus cotidianos.

Esses conhecimentos também não adiantaram nada quando um motorista veio à toda velocidade e furou o sinal vermelho na encruzilhada, batendo no carro do

professor Messias e acarretando a morte do mestre que inspirou todas as minhas decisões universitárias e profissionais.

Pode parecer exagero, mas desde então o curso de Química perdeu um pouco de seu brilho para mim, e voltar nas férias para Pomerode, minha cidade natal, nunca mais envolveu uma visita à típica casinha de arquitetura alemã em que viveu meu antigo mestre. Espremendo os olhos e buscando afastar essas memórias agrídoces — e uma possível enxaqueca, enviei afinal a notificação do acidente, aumentando o volume de *Everybody Wants To Rule The World* e desejando poder cantar a letra a plenos pulmões sobre todo o ruído daquele engarrafamento. O dia havia sido longo, e minha garganta ardia.

> *Sua notificação de acidente, especificado como "colisão na Avenida Tiradentes" foi registrado.*

Ainda preso naquele marasmo sem avançar um centímetro sobre o asfalto, analisei de longe o Uno amarelo atingido pelo sedã espalhafatoso, que parecia amassado ao longo de toda a lateral esquerda e tinha um vidro quebrado; talvez fosse minha falta de óculos me pregando peças em relação aos estragos, mas, de todo modo, que mal faria mandar uma mensagem perguntando se o motorista precisava de ajuda?

Nova notificação de chat em Waze!

LoveMadonna: Foi você quem sofreu o acidente? Está tudo bem? Quer alguma ajuda?

É claro que o nome de usuário da minha irmã era embaraçoso a ponto de denunciar seu gosto musical adolescente. E é claro que não percebi isso até que a mensagem foi enviada.

AlguémMeSalva: Não mt obrigada. Sou plenamente capaz de me virar sozinha.

Uma resposta muito sensata a um oferecimento de ajuda partindo de um desconhecido, certo? Ao menos eu havia tentado ser colaborativo.

LoveMadonna: Desculpa. Pensei que uma pessoa com o nome de usuário

“AlguémMeSalva” o usasse como prevenção para situações nas quais precisasse ser realmente salva.

Eu havia ficado envergonhado do meu nome de usuário, mas o *user* daquele carro amarelo não era muito melhor. “Alguém me salva” de quê? Dos engarrafamentos? O risco de ser criticado no que se referia ao mesmo aspecto alvo da minha observação existia, mas eu não poderia deixar aquilo passar.

AlguémMeSalva: Ha. Ha. Ha. Sua piadinha exploradora da literalidade do meu user e da minha situação atual é TÃO divertida.

LoveMadonna: ah, não seja tão sarcástica(o). Faz mal pra pele.

Sim, o meu dia não continuava muito bom, o engarrafamento parecia pior, dois motoqueiros já haviam esbarrado no espelho lateral do meu carro e eu estava quase parando um daqueles vendedores ambulantes que querem te induzir a comprar desde carregadores de celular a panos de prato para conseguir uma garrafa de água gelada. Mas, por outro lado, nunca consegui resistir a uma boa conversa. Ou a uma conversa comum. Ou a um diálogo aleatório no *chat* do aplicativo do GPS.

Eu deveria ter um recorde especial de “maior número de conversas entabuladas com a mais baixa frequência de pronunciamento de palavras”. Além do mais, eu estava sorrindo com vontade pela primeira vez naquele dia.

Eu sempre dei atenção aos pequenos detalhes.

AlguémMeSalva: O correto seria sarcástica, mas isso é algo q eu não sou. Só to irritada com o estrago feito no meu amarelinho por aquela monstruosidade rosa, para o seu conhecimento. O motorista sequer parou o carro pra se responsabilizar pelo acidente!! Imagino que a conta do conserto será paga por mim mesma.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: E não ouse dizer nada sobre nomes de usuário. Vc é muito fã da Madonna, ao que parece.

Eu **sabia** que em algum momento essa interpretação literal seria usada contra mim. Muito previsível.

LoveMadonna: Ah, jura? Como você descobriu?!

AlguémMeSalva: Cuidado. Ouvi dizer por aí que sarcasmo faz mal pra pele.

Touché.

De novo minhas palavras tinham sido usadas contra mim. Precisava ser mais atento à conversa — e ao engarrafamento, mas eram só seis e quarenta da tarde e eu já estava lutando para continuar de olhos abertos e não pegar no sono abraçado ao volante. Pois é, o ano já havia começado entregue ao trabalho e ao *capetalismo* — como diz a Júlia, aquela fã desgraçada de Madonna.

Eu precisava de café. E de mais sensatez, porque digitei uma mensagem apressada logo em seguida, antes de acelerar em direção ao posto de gasolina mais próximo e entrar de supetão na loja de conveniência clamando pelo tal café, sem ao menos considerar a intimidade nula que possuía com essa moça e não dizer “Rá!!!” para ela.

Por mensagem, claro.

Nunca disse nada sobre não ser exagerado, só para constar.

LoveMadonna: Suposição errada, minha cara, porque o celular é da minha irmã, para o seu conhecimento. Rá!!!

É claro que voltei a abrir o aplicativo do Waze após me acalmar com o primeiro gole da bebida quente e amarga da qual havia aprendido a gostar após passar noites insones por causa da universidade e do trabalho — e talvez também por ter vindo morar em São Paulo, fugindo do amargor do chimarrão e me entregando definitivamente ao café.

Ignorando as mensagens enviadas por meu primo trinta minutos antes, decidi persistir naquela conversa, jogando pela janela todo o bom senso de não mais conversar com estranhos ou *perturbá-los* com minhas palavras. Se ela não

quisesse me responder, pensei, haveria uma certa decepção, mas o dia seguiria em frente, os carros saíam do engarrafamento, e era possível que eu nunca mais encontrasse a dona daquele Uno amarelo para uma conversa.

“A curiosidade matou o gato”, minha avó dizia, mas o café havia me animado — ou também posso ter me sentido estimulado pela propaganda que passava na pequena TV acima do balcão, mostrando desconhecidos aleatórios sendo unidos pelo compartilhamento de uma garrafa de refrigerante. Por que não? As chances de que nunca mais nos encontrássemos eram muito maiores do que aquelas pessoas do vídeo publicitário realmente pudessem estar tão felizes na vida real bebendo um líquido carbonatado cheio de açúcar e ácido cítrico. E *sim*. Caso você esteja se perguntando, eu estou descrevendo o refrigerante quimicamente; sabe como é, ossos do ofício.

Enfim, como já disse, o Matheus de verdade — não o Matheus amargo e cansado — jamais desperdiçaria uma boa conversa.

LoveMadonna: Mas falando seriamente, você precisa de ajuda? Porque eu parei na loja de conveniência do posto de gasolina aqui perto.

AlguémMeSalva: Puxa vida, fui refutada! Não tinha como saber que vc é um desses que sai por aí afanando celulares pertencentes a fãs da Madonna.

AlguémMeSalva: Não se preocupe, não aconteceu nada grave comigo, só tô preocupada com o encaixe da porta do motorista, já que não vou conseguir arrumar esse estrago tão cedo... Meu Deus, preciso de um café.

AlguémMeSalva: Quer dizer, um café não, mas um energético não vai fazer mal.

Ela respondeu, e desabei no encosto do banquinho alto sobre o qual estava sentado com um pequeno sorriso de alívio, sem ao menos tentar analisar a pequena alegria que sua mensagem havia me proporcionado. Mal sabia eu o que viria a seguir.

LoveMadonna está digitando...

AlguémMeSalva: Vc continua na loja de conveniências? Confesso que tô um

pouco curiosa pra saber como é esse provável fã de Madonna não assumido com quem falo. Aposto que essa história de celular emprestado é só uma desculpa.

Ela queria me encontrar! Eu, um desconhecido, que por acaso usava o Waze como ela e era seu companheiro momentâneo de engarrafamento. Eu, que deveria estar apenas brevemente conectado à sua existência por um amontoado de obstáculos à nossa frente os quais não permitiam uma volta rápida a nossos lares, e talvez uma janela de conversa em seu celular. Eu, que também era um desses obstáculos — assim como ela o era para mim — até dar um sinal mínimo de humanidade e empatia através de uma singela mensagem. Eu, Matheus Albuquerque, e todas as minhas alegrias, memórias, decepções e limitações que implicavam minha existência. Não havia muito propósito para tal encontro, eu achava, mas ela não estava nem ligando para o que eu achava.

E foi assim que observei um pontinho amarelo se destacando do amontoado de carros na via expressa, procurando uma saída e vindo em minha direção como se estivesse presenciando um outro acidente. Um acidente que me envolveria de forma mais profunda dessa vez, considerando todos aqueles elementos citados que implicavam minha existência e que eu não gostava de — e não podia, de certa maneira — falar sobre. Espremi os olhos mais uma vez: não prevenindo a possível enxaqueca ou buscando afastar memórias, mas temeroso da colisão que eu julgava iminente.

LoveMadonna: Continuo. A propósito, o energético vai te fazer mais mal que o café, Senhorita Curiosa. Sabe como é, taurina, cafeína e citrato de sódio demais.

Consigo me lembrar de ter lançado um olhar arrependido para a tela do celular após ter pressionado “enviar” naquela mensagem despreocupada, tão destoante dos meus pensamentos. Eu não era ninguém para palpar a respeito do que ela bebia ou não, afinal, e muito menos alguém apto a lhe atribuir apelidos engraçadinhos ou citar a composição química do energético. A próxima mensagem, entretanto, veio sem hesitação — ou ao menos parecia ter sido assim — enquanto me dediquei a observar a confusão que estava o engarrafamento do outro lado do vidro da loja, agora agravado por uma fileira de ônibus saindo lentamente por uma pista lateral.

AlguémMeSalva: A única taurina que conheço é a minha tia

AlguémMeSalva: Não sei se devo confiar nesses seus conhecimentos de composição de energético. Vc é o que, um maníaco por rótulos?

Ai, não, ela realmente fez uma piadinha com os signos do zodíaco e um ácido orgânico. Não sei como eu não me lembrava disso, mas foi péssimo.

AlguémMeSalva: Mas enfim, então o que vc está vestindo pra eu poder te reconhecer? Ou sei lá, como vc é? Não quero abordar um desconhecido.

LoveMadonna: Sim, sou um maníaco por rótulos (ou um químico, o que você preferir). E a taurina, além de estar presente no energético, tbm está presente na nossa bile, um líquido meio inusitado para ter algo em comum com uma bebida.

LoveMadonna: E sim, eu SOU um desconhecido para você, minha cara... Qual é seu nome mesmo?

Consigo ficar impressionado até hoje com a despreocupação casual que parece permear minhas mensagens. Sei que o tempo embota as memórias, mas a crueza com que travei a mandíbula, nervoso por antecipação por aquele encontro, e desviei o olhar para uma geladeira cheia de congelados ainda me é límpida. Eu estava disposto a lidar com os percalços de conversar com uma pessoa aleatória do engarrafamento através de mensagens, mas nunca pensei nos novos padrões que os fios ligados a nós dois poderiam formar, modificando o previsto e transformando um *chat* normal em algo palpável e inusitado nesses tempos de conversas rápidas e superficiais. Talvez fosse mais prudente apenas pegar meu livro no banco de trás do carro e esperar o acúmulo de carros se dissipar na companhia de Frodo, Gandalf e Passolargo (personagens de O Senhor dos Anéis), como era meu costume recém-adquirido de morador da capital paulista. Afinal, nos últimos anos já andava falando bem menos que o de hábito. Não seria uma única conversa a me tirar desse marasmo — era o que eu achava.

Por outro lado, esse diálogo sarcástico estava salvando meu dia, de certa forma, e àquela altura a última atitude que gostaria de tomar seria encerrá-lo ou alterá-lo de alguma maneira. Matheus Albuquerque era apenas mais um ícone na tela deslizando pelo tráfego paulistano até aquele momento, desprovido de qualquer tipo de rótulo ou barreira, dissolvido no anonimato. Se os novos padrões de nossos fios desvelassem algo que causasse desconforto a essa moça encantadora,

não havia o que fazer: ao menos teria sido uma boa conversa. Esperei pela resposta, ansioso, desejando saber o nome da pessoa que estava a transformar o que seria uma tarde regular em um evento agora fixo em minha memória.

AlguémMeSalva: Nós já trocamos umas 22 mensagens contando com essa, um número superior a qualquer diálogo que eu tenha tido com a minha mãe nos últimos anos. Ela certamente sabe o meu nome completo, mas jamais conseguiu engatar comigo uma conversa tão peculiar e divertida como essa (fora a parte em que descobri o que é a taurina. Eca!!!). Além do mais, vc vai saber quem sou só pela cor do carro. Acho que não precisamos de nomes por enquanto.

Conversa. Peculiar. E. *Divertida*.

AlguémMeSalva: Caso você não tenha reparado, acabei de descer do meu estimado e agora amassado veículo.

AlguémMeSalva: To tentando olhar através do vidro da loja para verificar se sua persona da internet não é um embuste pro meu possível sequestro, mas esses adesivos anunciando as promoções da semana não ajudam.

AlguémMeSalva: Eu não quero saber se quinta-feira é dia do pão de queijo ou não, caramba. Affe.

Ela me fez sorrir, sentado sozinho de forma patética na mesa minúscula daquela loja, sem ao menos saber meu nome ou sobre o recém-assinado e horrível contrato de trabalho daquele ano, ou o quanto eu não gostava do mês de agosto e como sempre achei Star Wars muito melhor do que Star Trek. E, mesmo que naquele momento eu não tenha dado importância a isso, enquanto escrevo isso aqui estou fazendo uma prece silenciosa pela mutação constante da nossa teia de coincidências.

Dizem que a virada do ano é propícia a se realizarem pedidos, mas dessa vez estou aqui diante do mar para agradecer. E pensar, é claro. Eu não seria a versão mais fiel de mim mesmo se não admitisse estar pensando no futuro e criando duas ou três possibilidades na minha cabeça — talvez seja porque nos últimos anos tive muito mais tempo para ficar em silêncio, mas, seja como for, alguns caminhos a se traçar ainda me assustam mais do que aquele contrato horrível de

trabalho que acabou de terminar.

LoveMadonna: Eu sei. Estou te observando, Moça Desconhecida.

Ela parecia ter mais ou menos a minha idade e ser uma pessoa bem regular. Afinal, aquele não era um momento típico de comédias românticas para o encontro do par amoroso que é o centro da trama: ela era mais uma pessoa cansada do congestionamento, da poluição e da rotina, assim como eu e milhares de outros paulistas. Seu cabelo não estava impecável como se tivesse acabado de sair do salão de beleza, e suas roupas estavam amarfanhadas pelo dia de uso assim como as minhas. Ainda assim, ela sorriu com gentileza para o frentista que veio ajudá-la, e alguma coisa na forma com que desligou o rádio do carro enquanto cantava um trecho final de alguma canção me lembrou Júlia, que pode estar no pior engarrafamento do mundo, mas sempre tem paciência e acha uma maneira de ser grata por apenas poder ouvir suas músicas preferidas enquanto espera.

AlguémMeSalva: Uau. Isso soou bem psicopata, acho que mudei de ideia. Vc pode ser um sequestrador de verdade me enganando com um linguajar descomplicado e engraçadinho pra capturar uma jovem e inocente proprietária de um carro avariado, e tbm titular de alguns boletos assustadores a serem pagos.

AlguémMeSalva: Pq mesmo eu queria beber meu energético na sua companhia?

LoveMadonna: Hm, tá. Eu consigo te ver olhando para os lados com uma cara suspeita muito engraçada, pare. Espremer os olhos também não vai te ajudar a ver através dos cartazes com a promoção do pão de queijo.

Não consigo me lembrar de ter sorrido tanto em um dia regular de trabalho desde que havia sido admitido naquele emprego como quando comecei a entabular esse diálogo para lá de inusitado. Beberiquei o resto do café já frio, mais tranquilo agora, pensando em comer alguma coisa enquanto esperava pelo congestionamento. E pela moça do carro amarelo se decidir sobre me encontrar ou não, porque minha ansiedade negativa a respeito disso estava se transformando em vontade de conhecê-la melhor.

AlguémMeSalva: !!!

LoveMadonna: Tá bem, eu sou o cara esquisito que você encarou quando estacionou o carro, na mesinha alta perto do balcão.

AlguémMeSalva: Você é o dono da calça boyfriend perfeita e rasgada que eu cobicei?

AlguémMeSalva: E tbm o cara do sorriso simpático que ta olhando pra mim com uma expressão esquisita agora msm?

LoveMadonna: ...Você sai por aí cobiçando calças masculinas alheias?

Eu sabia que estava fazendo careta, mas não podia evitar. Quem sabe ela pensasse que a careta era para o congestionamento, ou, sei lá, a geladeira de hambúrgueres congelados.

LoveMadonna: Sim, sou eu o cara do sorriso simpático que está te olhando com uma expressão aparentemente esquisita. Agora que vc já sabe que não sou um “sequestrador de verdade”, como posso nomeá-la, Moça Desconhecida?

AlguémMeSalva: Não acredito que não dá pra colocar emojis aqui. Justo qnd eu queria aquele de revirar os olhos...

AlguémMeSalva: Pra sua informação eu ainda não tenho certeza sobre vc ser ou não um sequestrador, pq não to atualizada sobre a última moda no guarda roupa dessa categoria de “trabalhadores autônomos” pra analisar se eles jamais usariam calças esplêndidas como essa.

AlguémMeSalva: E, como paulista legítima, não sou convencida por um mero sorriso bonito.

Tenho certeza até hoje de que ela desvalorizou meu sorriso apenas para não me deixar pretensioso em relação ao meu poder de transmitir simpatia por aí.

AlguémMeSalva: Enfim... Prazer, Felícia (qual é o problema em cobiçar jeans alheios? É só porque eles são masculinos? Cobicei a sua camiseta das Relíquias da Morte também, me processa).

Também tenho certeza de que aquele havia sido o dia perfeito para usar uma das minhas camisetas preferidas. Alô, teia das coincidências, e alô, trabalho exaustivo que felizmente não exigia uniforme. Agora havíamos chegado ao momento complicado de nossa interação, mas, se eu manobrasse meus movimentos com cuidado, o rumo da conversa não seria interrompido ou prejudicado como queria tanto evitar. Lembro-me de ter secado minhas palmas da mão suadas no **jeans** que Felícia tanto observou, sentindo novamente aquela onda avassaladora de ansiedade me atingir, pinicando o fundo da minha garganta com uma ardência incômoda que já era familiar.

LoveMadonna: Fico honrado em finalmente poder nomeá-la de forma adequada, senhorita — ainda mais com um nome tão bonito. Por obséquio, venha até aqui e faça seu pedido ao honesto trabalhador no balcão. Fique à vontade para repousar seus pés cansados, mas podemos continuar conversando pelo chat do Waze, por favor?

Pude ver Felícia franzindo a testa para o celular, intrigada com o meu pedido, talvez, mas ainda assim acenou com a cabeça, como se eu estivesse a observando — claro que estava, mas agora penso que ela não deveria ter suposto isso. Quanta pretensão, não é mesmo? Por outro lado, ela também deveria ter consciência de que era — e ainda é — encantadora. Você sabe, uma daquelas pessoas a quem é interessantíssimo observar, em um sentido que pode ser esquisito para quem te observa observando, mas é muito justificável quando se nota quem é o alvo de sua observação...

Tudo bem, desculpe-me. É possível que eu tenha me perdido no meu raciocínio, admito, mas esteja certo de que você me entenderia perfeitamente se a conhecesse. Enfim, voltando ao correr dos fatos, Felícia acenou com a cabeça e se dirigiu à porta da loja de conveniências, caminhando até onde eu estava. Sei que vou arruinar minha monografia ao fazer essa observação tão típica e clichê de romances, mas os fatos reais não mentem: meu coração batia tão depressa e tão alto que parecia fazer vibrar meu corpo todo. As mãos suadas não ajudavam. Mas aquele era o momento.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: Isso é meio engraçado. Pedi um cappuccino e sentei na mesa

de um desconhecido digitando no celular de forma tão compenetrada a ponto de sequer me dirigir um olhar. O honesto trabalhador tá me encarando como se eu fosse louca, na verdade.

AlguémMeSalva: Olá, fã da Madonna.

Olhei para frente, observando-a de perto pela primeira vez. Não sei como eu tinha conseguido manter a normalidade de uma situação tão peculiar até o referido momento, mas não havia mais jeito — quer dizer, até havia, mas o Matheus de meses atrás foi sensato a ponto de não tornar as coisas piores e resolveu falar a verdade para a dona daquela expressão inquisidora e curiosa. No nosso contexto, compartilharmos a mesa como desconhecidos parecia mais razoável, até; mas eu avisei que não sou de negar uma boa conversa, ainda que esteja cheio de receios.

Sem saber bem como colocar em palavras o que pretendia revelar, devo ter digitado a mensagem que viria a seguir e apagado algumas vezes, buscando uma maneira simples e despreocupada de fazer Felícia saber sobre mim o que eu mais temia que soubesse.

LoveMadonna: Ah, não, minha cara Felícia. Fique tranquila, o honesto trabalhador não te acha louca por simplesmente chegar e sentar à mesa de uma pessoa desconhecida, encarando-a com insistência enquanto a dita cuja mal olha nos seus olhos. Acho que ele entendeu que não pronuncio as palavras como uma pessoa normal quando anotou meu pedido, e deixo meu celular fazer isso por mim quando é necessário, o que implica várias horas por dia olhando para a sua tela

LoveMadonna: Olá, Senhorita Curiosa.

Mordi o lábio inferior, ansioso por sua reação. Boa ou ruim, depois de tanta expectativa tudo o que eu queria era que ela realmente soubesse e reagisse como bem entendesse.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: Como assim?

Ela lançou um olhar sorrateiro para mim que tentei decifrar em vão. Ou talvez fosse só um olhar faminto para a vitrine cheia de coxinhas e empadas.

LoveMadonna: Eu tenho uma paralisia unilateral de cordas vocais.

Após cinco anos lidando com isso — e mais, com pessoas ao meu redor reagindo ao meu problema, eu não possuía expectativas de que Felícia soubesse o que a paralisia implicava. Não consigo pensar no porquê de ter ficado tão nervoso na época, mas tento registrar minhas emoções assim como as senti na época, levando em consideração as exigências da minha monografia por fidelidade aos fatos.

LoveMadonna: Por isso, conversar aqui pelo chat é mais fácil, se você não se importa. Mas sou tão normal quanto é possível, e costumo cumprimentar as pessoas com beijinho na bochecha e tal. Sabe como é, uma chance dessas não pode ser desperdiçada diante de uma moça tão bela.

Eu simplesmente não parei de tagarelar. Não consigo lembrar direito, mas algo me diz que corei e me encolhi de timidez sobre o banco logo após ter enviado essa mensagem. Talvez seja porque continuo sentindo vergonha desse galanteio barato mesmo depois da situação ter passado. Ou porque minha última frase seria mais plausível se enunciada por meu tio Fred — que adora fazer a piada do pavê em todas as oportunidades e reuniões de família possíveis — do que por mim.

LoveMadonna: Felícia? Fala alguma coisa, por favor...

Ela lentamente levantou os olhos da superfície de seu copo descartável ainda cheio de cappuccino, como se receasse algo ao me encarar ressabiada. O sorriso começou pelos seus lábios e se estendeu preguiçoso por covinhas adoráveis antes de atingir seus olhos, e, observando cada um desses detalhes com atenção, sorri de volta meio sem jeito, antes que mais um fio entre nossas teias das coincidências fosse puxado sem aviso. Felícia se inclinou, beijando minha bochecha com uma delicadeza desproporcional ao impacto gerado: seus lábios se afastaram da minha pele, mas uma sensação boa se espalhou dali por todo o meu corpo, fazendo com que eu repuxasse os lábios em mais um dos sorrisos sinceros tão frequentes em minha expressão naquele dia.

AlguémMeSalva: Oi

Se um simples beijo daquela moça na minha bochecha parecia causar uma efervescência no meu estômago que não tinha nada a ver com ácidos orgânicos, bases carbonatadas ou borboletas, eu meio que mal podia esperar para descobrir o que mais viria a seguir.

LoveMadonna: Prazer em conhecê-la, sou Matheus. Eu juro que não sou psicopata ou um sequestrador de verdade, mas você tem um cheiro muito bom de jujubas.

II AQUELE COM O CHEIRO DE JUBUBAS

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: Isso é sério? Vc fala essas coisas todas e me diz que eu cheiro a júbubas?

Felícia mantinha uma expressão indecifrável em seu rosto, e me lembro de ter desviado o olhar, repentinamente desconfortável, observando o ponteiro dos segundos se mover no relógio acima do balcão com uma lentidão torturante, sem coragem de voltar a observá-la: tanto pelo embaraço após ter declarado que ela cheirava a júbubas — embora essa fosse a menor das minhas paranoias — quanto pelas explicações que eu teria de dar a seguir.

Ela havia sorrido e beijado minha bochecha, eu sei. Mas essa foi a reação superficial e imediata — não que não tivesse sido muito apreciada pela pessoa que vos fala. Mas após isto sempre vinham as reações desconfortáveis, geralmente acompanhadas por uma montoeira de perguntas. Eu sei que não é como se minhas limitações de fala fossem um segredo que eu conseguisse manter ou algo passível de ser escondido na maioria das situações, para o caso de você estar pensando “Mas Matheus, todas as pessoas que você conhece acabam sabendo disso, seu bobão”.

Com Felícia, porém, havia sido diferente; iniciando a conversa por um meio que não revelava minhas limitações, eu sentia que a estava iludindo com a ideia de uma *normalidade* que eu não possuía havia cinco anos.

E isso não seria um problema para o Matheus que sou agora se eu não estivesse me importando tanto com aquela conversa: não é como se a minha recém-descoberta falta de identificação com um padrão chamado “normal” por todo mundo já não houvesse limitado várias interações naquele período de tempo. Para ela, deveria ser apenas um bate papo banal — talvez um pouco mais inusitado que o de hábito, apenas, por conta das circunstâncias — mas para mim era como uma pequena conquista. Através das nossas mensagens, Felícia havia tido a chance de conhecer antes a mim que à minha maneira de me comunicar.

Já não é justo que eu tenha esse dever de avisar às pessoas que se aproximam as minhas limitações antes de sequer me apresentar, algo que além de ser cansativo parece ter o mesmo efeito de uma plaquinha pendurada no meu pescoço dizendo “Aproxime-se com cautela e se for necessário”. Menos justo seria se ela deixasse de pensar em mim como a pessoa da conversa *peculiar e divertida* para se atentar à forma através da qual me comunico. Aquele beijo — que, também, não deveria ter sido grande coisa para ela como o foi para mim — havia me deixado animado e esperançoso, mas a sua súbita mudança para uma expressão que eu não conseguia decifrar havia trazido todos os meus temores à tona novamente.

Como se eu fosse um narrador onisciente da minha própria vida e de minha própria monografia, nesse momento passado, meses atrás, julguei-me capaz de ver através de cada brecha da sua aparência refletida no vidro da loja, imaginando com uma certeza implacável a teia de pensamentos que Felícia deveria estar construindo a partir da revelação desta minha característica, sem sequer conseguir apreciar o jeito que mexia seu cappuccino ou como tentava atrair meu olhar com o seu.

Encolhi os ombros, envergonhado por tê-la feito acreditar em uma versão ultrapassada de Matheus Albuquerque. Eu continuava tentando enfrentar os engarrafamentos e problemas que apareciam no meu cotidiano como sempre fiz, mas meus novos limites se agigantavam diante de qualquer encruzilhada — até mesmo das mais fáceis de serem ultrapassadas anos antes. Parecia mais prático estacionar o carro no posto de gasolina e esperar o pior da situação passar,

desistir da perspectiva de uma boa conversa por puro medo de não ser compreendido e, assim, perder oportunidades pelo temor de soar ridículo.

Mas eu não podia encarar o vidro sem realmente vê-lo e ficar construindo suposições para sempre. E logo uma notificação de nova mensagem piscou na tela do celular emprestado de Júlia, atraindo minha atenção.

AlguémMeSalva: Quero dizer, vc digitou a observação sobre eu cheirar a jujubas, não falou!! Desculpa pelo vocábulo inapropriado.

AlguémMeSalva: PS: Seus jeans parecem ainda melhores de perto.

E é nesse momento que agradeço mais uma vez à sensatez e também à desenvoltura com que continuei digitando novas mensagens para Felícia, ignorando os pensamentos que me diziam para sequer tentar enfrentar novos engarrafamentos, pois o caminho sempre seria o mesmo.

O caminho até poderia ser o mesmo, mas — como já disse — a teia muda a todo o momento, e, considerando que ela é influenciada pelas mais ínfimas ações feitas por nós, seres que nunca conseguem traçar movimentos exatamente iguais de novo, ela nunca adquirirá novamente um mesmo padrão formado outrora.

Por uma colisão e uma mensagem, ali estávamos nós, dois desconhecidos sentados à mesa de uma loja de conveniências: esse momento seria obrigatoriamente breve, todavia, se soltássemos os fios que nos ligavam — e não eram muitos. Mas havia um “não sei o que” em Felícia que me cativava, prendia olhares e transformava pensamentos ruins em poeira.

E eu continuei digitando.

LoveMadonna: Felícia, fica calma. Eu não sofro de uma maldição imperdoável ou algo assim! Você pode usar o verbo falar comigo, viu? Considerando que você não está fazendo nenhuma pergunta, eu que vou fazer: você já conheceu alguém com paralisia nas cordas vocais?

LoveMadonna: PS: Se fosse um costume meu mandar minhas roupas para alguma lavanderia, você já seria a principal e única suspeita no caso de minhas

calças desaparecerem.

Eu continuava sem muita coragem para encará-la, mas sentia que deveria me explicar antes que algum outro elemento forçasse a situação. Entretanto, antecipando-se a qualquer coisa qualquer coisa que eu pudesse fazer ou dizer após enviar minha última mensagem, Felícia me fez querer gargalhar bem alto com o que fez em seguida.

É claro que minhas pregas vocais não me permitiram gargalhar como eu gostaria de ter feito, mas confesso que contive uma boa risada ao ouvir a frase que me permitiu ouvir sua voz pela primeira vez. Ainda que ela aparentemente não soubesse da minha capacidade de ouvi-la, Felícia possuía uma voz deliciosamente melodiosa, que parecia pontuar cada palavra com gentileza, muito embora ela estivesse repreendendo a si mesma. Isso não seria algo em particular a ser notado por mim, talvez, se eu mesmo não tivesse sido forçado a perceber o quanto minha própria voz havia sido modificada; não que antes ela parecesse perfeita para uma ópera de improviso ou a atuação em um filme da Disney — porque a menina à minha frente poderia dublar uma princesa com tranquilidade — mas era mais normal. Não muito grave, mas profunda, e definitivamente mais límpida e clara do que agora.

LoveMadonna: Sabe, eu não tinha dito nada sobre ser surdo.

LoveMadonna: "Felícia, sua sem noção! Qual é seu problema? Mas sem pânico, o moço fofinho continua aqui, vamos continuar mantendo a situação sob controle". HAHAAHAHAHA

Uma frase tão reveladora daquelas tinha de ser transcrita *ipsis litteris*, como diria Júlia. Afinal, não era todo dia que eu era chamado de fofinho, e talvez o rubor que eu sentia subir pelas minhas bochechas denunciasse isso a quem quisesse ver. Pelo menos podia ser um rubor causado pelo riso, e foi a essa interpretação que direcionei meus pensamentos antes que desse para notar o quão desabituação eu estava em relação a elogios.

AlguémMeSalva: Ai, não...VOCÊ OUVIU ISSO.

Sorrindo, volto a olhar para Felícia. Agora que ela se encontrava sentada bem à

minha frente, eu podia perceber que era muito mais do que simplesmente observável — ela era linda, e cada um dos detalhes que eu notava na Felícia que me olhava de forma tão doce fazia com que eu quisesse conhecê-la. Devia ser algo no jeito com que ela segurava aquele simples copo térmico descartável, ou então na curiosidade que me despertava a nesga de capa de um livro em sua bolsa, ainda não identificado por mim, ou, ainda, o relicário que parecia conter histórias para mais de um livro pendurado em seu pescoço. Será que ela ensaiava o que dizer antes de atender o telefone? O que ela achava do Oscar Niemeyer? De que banda era a camiseta que estava vestindo? Biscoito ou bolacha?

E além disso, é claro, ver um constrangimento adorável se espalhando em uma onda de rubor por suas bochechas conseguiu afastar boa parte das nuvens cinzentas de pensamentos que eu estava cultivando. Um nó de preocupação se desatou no mesmo instante, e o alívio proporcionado se aliou a uma efervescência gostosa de encantamento por ela. Fiquei leve no mesmo instante, como as nuvens deveriam ser. Uma sensação gostosa de encantamento se espalhou por mim.

LoveMadonna: Devo confessar que ouvi sim, e fazer essa expressão engraçada de indignação não vai me impedir de querer rir bem alto!!!

LoveMadonna: Sabe, o desconhecimento das pessoas em geral em relação à paralisia de cordas vocais possui algumas vantagens, afinal.

Por que eu havia ficado tão preocupado sobre o que ela deveria estar pensando de mim, mesmo?

AlguémMeSalva: Alguém. Me. Salva. Literalmente, dessa vez!

AlguémMeSalva: Felícia está morrendo de vergonha de (1) sua ignorância e de (2) vc ter ouvido o que ela disse...

AlguémMeSalva: Devo dizer que talvez a segunda vergonha esteja ainda maior que a primeira no momento. Como vc pode imaginar, não, eu não conheço ninguém com paralisia de cordas vocais, e não sei que tipo de situações isso implica. Me desculpe!!

A doçura e a vergonha de Felícia diante de suas suposições erradas fizeram com que eu, de certa maneira, sentisse-me mais tranquilo. Ela não parecia ter ficado resabiada ou desestimulada de conversar diante das minhas limitações, ainda que não as conhecesse bem. Só parecia ter dúvidas.

LoveMadonna: Bom, acho que geralmente pensamos logo em pessoas mudas, ou ainda afônicas. A paralisia das cordas vocais não me impede por completo de falar e muito menos de ouvir, mas me canso com muita facilidade, porque com uma das pregas vocais paralisadas fica difícil de respirar. Ainda não consigo falar por longos períodos, mesmo já fazendo cinco anos que estou assim, e ao final do dia fico exausto.

LoveMadonna: Tipo naquele meme, “exausta até de respirar” HAHHAHAHA.

AlguémMeSalva: Nossa, eu não saberia MESMO o que é se vc não tivesse a boa vontade e o desembaraço de me explicar. Obrigada por ter feito isso :)

AlguémMeSalva: Mas sinto muito... Não há nada que se possa fazer para remediar isso?

Lembro-me de ter erguido os olhos da tela do celular bem no momento em que Felícia revirou os olhos e apoiou a palma da mão na testa, como se repreendesse a si mesma.

AlguémMeSalva: Ignore minha pergunta estúpida, por favor... Tenho certeza que vc conhece muito bem sua própria condição. O importante é que vc consegue se comunicar bem (até demais, considerando que nem nos conhecíamos uns vinte minutos atrás).

LoveMadonna: É, conheço sim, mas não quero ficar enchendo nossa conversa de detalhes chatos.

LoveMadonna: O que é pra ser, será, certo? Pelo menos consigo tagarelar de formas não orais igualmente efetivas :P

É claro que eu não podia me limitar a mensagens de texto. Logo no início dos tratamentos que fiz, uma fonoaudióloga sugeriu que eu aprendesse a Língua

Brasileira de Sinais, e, após uma certa relutância de minha parte — aqueles gestos rápidos, curtos e elaborados pareciam quase impossíveis de serem reproduzidos para o estabelecimento de um diálogo razoável — a descobri, na verdade, como a melhor maneira de me comunicar, uma nova língua que eu poderia dominar. Além disso, não era difícil como aparentava, e minha única decepção era não poder me comunicar com todo mundo que eu conhecia dessa maneira porque eles não sabiam.

Felícia bebe o final de seu cappuccino — com certeza já frio — e sinaliza em direção ao balcão, levantando e indo até ele sem parar de responder minhas mensagens.

AlguémMeSalva: E que eficiência! Ei, moço das calças estilosas, vou pedir algo para comer, pq minha última refeição foi uma miserável salada de abobrinha com ricota na hora do almoço. Quer q eu peça alguma coisa pra vc?

AlguémMeSalva: Aliás, sei que estamos deixando esse assunto meio desagradável para trás com o propósito de investigarmos o pq de um certo Matheus-do-engarrafamento achar que eu cheiro a jujubas... Mas vc me permite uma última pergunta?

LoveMadonna: Claro que permito, Senhorita Curiosa. E, se eu te conheço bem, como seu observador desde vinte e três minutos atrás, não será a última hehe. Diga!

LoveMadonna: PS: Obrigado pela gentileza, Felícia, não quero nada, não :)

AlguémMeSalva: Seus conhecimentos de vinte e três minutos dialogando comigo podem estar certos, mas talvez mais vinte e três minutos de observação possam te fornecer resultados mais acurados acerca da minha personalidade, sabe.

Felícia se virou em direção à nossa mesa enquanto o atendente se movimentava atrás do balcão para preparar seu pedido, parecendo querer conferir se eu continuava ali no lugar que ocupava quando ela se levantou.

Eu continuava. Esperei pela pergunta tamborilando os dedos sobre a mesa com

impaciência, certo de que seria algo relacionado aos fatos recém descobertos por ela acerca das minhas habilidades comunicativas.

AlguémMeSalva: Minha pergunta é: então vc consegue falar, embora com dificuldade? Ou não?

LoveMadonna: Bom, consigo sim.

LoveMadonna está digitando...

Esperei que ela se aproximasse novamente, fazendo todo o percurso de volta à mesa sem desgrudar o olhar do meu. Felícia se acomodou à minha frente com um sanduíche natural em mãos, e minha respiração falhou por um instante em um reflexo de pura ansiedade pelo que eu estava prestes a fazer. Ela era capaz de fazer emanar uma espécie de curiosidade animada apenas através de sua simples presença, e a pouca confiança que eu depositava na voz rascante, que agora constituía uma das minhas características, aumentou, fazendo meu coração bater mais depressa por aquela motorista tão encantadora do engarrafamento.

Felícia esperou educadamente com uma expectativa tranquila brilhando em seus olhos. Após um respiro longo, articulei um “oi” rouco e ardido, lançando-o no ar acompanhado de um meio sorriso. Ela soltou uma risadinha agradável, mirando-me com carinho, e sacou o celular do bolso de trás da calça, sorrindo enquanto digitava uma nova mensagem.

AlguémMeSalva: Convenhamos, não é a voz de Voldemort que eu estava esperando. Definitivamente não.

Ai, Felícia.

Eu me encantei pelas suas palhaçadas ou pelas suas referências a Harry Potter?

AlguémMeSalva: Voltando à nossa programação (obrigada pela demonstração. Oi, Matheus!), por que raios eu cheiro a jujubas?

LoveMadonna: Disponha, senhorita. Bom, não posso negar que é verdade... Minha suposição é de que isso vem do seu shampoo, mas não tenho base

comprobatória para confirmar isso.

Brincando, devo ter me inclinado em sua direção, como se fosse inspecionar seus cabelos. Mas ela se esquivou, balançando a cabeça em negativa com uma expressão divertida no rosto. O atendente parecia estar se divertindo mais com nossa interação silenciosa do que com a TV pendurada na parede.

LoveMadonna: Ei, Fê, não esquece de comer! Você disse que estava com fome, mas não deu uma mordida sequer nesse sanduíche desde que chegou à nossa mesa. Ele pode ficar magoado de não estar cumprindo seu propósito de vida.

AlguémMeSalva: Ora, agora sanduíches possuem propósitos de vida. E ora, estamos usando apelidos.

LoveMadonna: O propósito de saciar as pessoas, é claro. Aristóteles concordaria comigo... Ou talvez seja Platão. Não me lembro mais, desculpa, do Ensino Médio só levei os ensinamentos de química, física e matemática.

LoveMadonna: É, “Fê” não parece combinar muito com você. Oi, Feli! (podemos usar apelidos?)

Após articular um “claro que podemos, Math” meio apressado, Felícia pareceu ter lembrado sua fome — muito justificável, afinal, quem almoça só salada de abobrinha? — e atacou o sanduíche com vontade.

AlguémMeSalva: Oi, me desculpe pelos meus modos neandertais em relação a comida. Quer um pedaço?

PS: Acho que nem Aristóteles nem Platão sabiam o que era um sanduíche. Azar deles, não sabem o que perderam.

LoveMadonna: HAHHAHAHA não, obrigado. Você parece bem mais faminta do que eu, Feli :P Por curiosidade, esse sanduíche é de quê?

AlguémMeSalva: De atum e berinjela! Tem certeza de que não quer nem um pedacinho?

E de tantos alimentos de aparência razoável comercializados por aquela loja de conveniências — ao menos para mim, porque tenho certeza de que minha avó materna não deixaria um passar, dizendo que não era “comida de verdade” — Felícia resolvia arriscar o inusitado sanduíche de atum e berinjela. Berinjela! Quem comia berinjela por livre vontade? Rica em fibras e cálcio... e também em amargor. De amargo já bastava o café, eu achava.

AlguémMeSalva: Bom, pela sua careta, acho que não. Mas sugiro que vc prove mesmo assim, pq duvido que Matheus já tenha provado esse sanduíche em especial. Vc tem noção de que eu costumo atravessar um bairro inteiro aos domingos só por ele?

AlguémMeSalva: PS: Berinjela é uma comida ótima.

LoveMadonna está digitando...

LoveMadonna: Hmm, tá. Talvez eu possa provar um pedacinho.

Aqui, como você vê, é possível perceber como Felícia consegue ser incisiva até mesmo com estranhos — ou recém-conhecidos. Peguei um pedaço do dito sanduíche, mirando-o com desconfiança.

AlguémMeSalva: Prometo que não tem nenhum tipo de soporífero ou substância suspeita para te prejudicar nesse alimento inofensivo. Só estou compartilhando com vc, meu companheiro de engarrafamento, uma das coisas que faz minha passagem pela Avenida Tiradentes valer a pena.

LoveMadonna está digitando...

AlguémMeSalva: Vc ta bem? Os ombros sacolejando são devido ao riso ou por causa de uma possível convulsão propiciada por uma alergia fortíssima a berinjela não mencionada quando nos conhecemos?

LoveMadonna: Felícia, alguém já te disse que você é uma piada? Eu estava rindo, tá, e preciso confessar que nunca sorri tanto em um dia regular de trabalho como hoje. O sanduíche até que é bom, sabia?

Foi impagável ver a expressão alegre que perpassou o rosto de minha companheira de engarrafamento ao ler a mensagem mais recente do nosso *chat*. Não consigo me recordar de ter pensado algo do gênero na época, mas hoje vou também agradecer ao Matheus do passado por não ter deletado suas mensagens antigas trocadas com Felícia no celular de Júlia. Celular que continua comigo, a propósito.

AlguémMeSalva: Rá!!! (como diz você) — eu disse que era ótima.

AlguémMeSalva: ...Sem comentários sobre eu ser uma piada.

LoveMadonna: Vamos considerar minha história ruim em relação a berinjelas para justificar meus temores? Se você já provou sopa indiana de berinjela, vai saber o que eu sofri nas visitas à casa do tio Fred.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: É, isso não parece muito saboroso mesmo. Ei, você estava voltando para casa como quase todo mundo do engarrafamento?

LoveMadonna: Estava, por quê?

AlguémMeSalva: Bom, se você olhar através das propagandas de pão de queijo coladas no vidro, poderá ver que o trânsito está bem melhor agora...

AlguémMeSalva: Mas confesso que não queria já dizer tchau pra você.

Felícia tinha razão em dizer que o tráfego estava melhor. Mas ela também tinha razão ao dizer que não gostaria de já chegar à hora da despedida. Sorri para ela, fingindo não ver o atendente da loja de conveniências nos observando descaradamente, como se assistisse a uma novela ou algo assim. Tenho quase certeza de que ele estaria comendo pipoca se pudesse.

LoveMadonna: Sabe que eu também não?

Ambos sorrimos novamente. Parece exagero da minha parte descrever tantos sorrisos, eu sei, considerando que éramos recém-conhecidos um para o outro. E

também porque agora, analisando minha monografia, a ocorrência de um evento tão repetitivo quanto este pode se tornar banal — ou fazer você pensar que estávamos competindo para decidir quem seria um melhor Coringa. Todavia, olhando para o mar agora, iluminado apenas pela luz da lua e pelos reflexos dos fogos de artifício, tenho certeza de que não trocaria nenhum dos nossos sorrisos por qualquer outra expressão facial a ser descrita aqui. O sorriso de Felícia é lindo: e tão contagiante, diz meu lado clichê, que é impossível não querer sorrir de volta.

AlguémMeSalva: ...

AlguémMeSalva: Matheus-de-sobrenome-desconhecido, posso te perguntar uma coisa?

LoveMadonna: Matheus Albuquerque, encantado em conhecê-la.

Deve ter sido o efeito do excesso de trabalho da semana, mas lembro de ter meneado a cabeça, galante, e feito uma meia mesura sobre a mesa metálica engordurada. Ao menos Felícia fez uma careta engraçadinha para tornar minha ação menos patética. Talvez ela fosse uma especialista em caretas engraçadinhas atenuantes de situações desconfortáveis.

Olha só, outra expressão facial.

AlguémMeSalva: Então vc permite minha pergunta, Matheus Albuquerque?

LoveMadonna: Só se você me disser o seu sobrenome para eu poder te stalkear no Facebook também, já que esse é o único motivo pelo qual posso supor ser razoável para você ter perguntado o meu. Se bem que talvez você possa ser uma princesa querendo investigar a dignidade e a solidez da minha simplória árvore genealógica.

AlguémMeSalva: Supõe em vão, senhor encantado, pq é apenas curiosidade. Rá! O Facebook é uma corporação maligna (pelo menos eu acho q é), então prefiro manter tanta distância dela quanto for possível.

AlguémMeSalva: Felícia Castella, “encantada em conhecê-lo”.

AlguémMeSalva: Sobre a minha pergunta: o que te parece me conceder sua ilustre companhia e observações peculiares no *Hanamatsuri* amanhã?

Posso lembrar de ter demorado um pouco mais para responder a essa mensagem, relendo para ter certeza do que estava fazendo. Felícia estava mesmo me chamando para sair?

Considerando que ela mesma se convidou para beber um energético/café comigo na loja de conveniências, na verdade, não compreendo muito bem por que fiquei tão espantado com o convite na época. Apesar de seus receios iniciais muito bem justificados sobre a minha idoneidade, Felícia naquele momento agia com afeições de amiga conhecida há tempos, e o tom de intimidade cúmplice que usava em nossos diálogos cortou a possível estranheza da situação.

LoveMadonna: Hanamatsuri?

AlguémMeSalva: Sim! É uma comemoração que acontece todo ano na Liberdade, e vou sempre que posso. Tem comidas típicas, apresentações de dança japonesa, barraquinha de bugigangas e é muito divertido.

LoveMadonna: Hmm, sabe que eu nunca visitei a Liberdade?

AlguémMeSalva: O quê? Minha nossa, vc ta perdendo de conhecer um dos melhores bairros de São Paulo, e agr ainda pode aproveitar pra fazer isso com o bônus de um festival muito bonito... e com a minha companhia, é claro. Vc quer ir?

Já havia passado há muito a hora que eu já teria chegado em casa. Mas, se alguém estava dando importância para isso, certamente não era Matheus Albuquerque: aquela parecia ser minha primeira boa conversa da semana, afinal. Com meu primo viajando a trabalho, a quitinete que dividíamos parecia estar permeada de um silêncio pesado e solitário — não que ela não fosse sempre silenciosa, devido à nossa comunicação através da LIBRAS.

Rodrigo, minha irmã Júlia e meus pais aprenderam a utilizá-la para nos comunicarmos, e eram capazes de adentrar a ilha solitária em que por vezes eu me encontrava. Embora não tivesse sido difícil aprender a falar daquela maneira,

eram raras as vezes as quais eu conhecia, de forma ocasional, alguém que utilizasse a Língua Brasileira de Sinais.

Mesmo que eu tivesse sido forçado a perceber o desconhecimento da maioria das pessoas em relação a uma forma de comunicação tão prática e útil por um motivo doloroso do meu passado, minha própria situação me fez refletir mais sobre ela — por que não aprendemos LIBRAS na escola? Eu aprendi, além da língua portuguesa, o inglês e o alemão, mas nunca foi apresentada na instituição em que estudei a opção de aprender LIBRAS, muito menos em outros lugares frequentados por mim. O desconhecimento das pessoas ao meu redor estava estreitamente ligado com a falta dessa acessibilidade ao aprendizado, eu achava.

Mas aquela não era minha única via comunicativa no momento: eram as mensagens trocadas com Felícia que constituíam minha primeira boa conversa da semana: ela estava disposta a dar atenção às palavras que eu não mais pronunciava em voz alta, aceitando sem questionar, até o momento, o que tanto era temido por mim como um empecilho para a nossa comunicação. Eu podia, sim, arriscar uma pergunta e descobrir se ela conhecia LIBRAS ou não; naquele momento, no entanto, poder observar suas reações enquanto digitava era muito divertido, e eu queria estender aqueles minutos o máximo que pudesse. Até porque meu interesse não se baseava somente nesta curiosidade: já elenquei aqui o quão fascinante parecia Felícia Castella, com suas caretas, gentilezas e sua camiseta do Half Moon Run, que eu finalmente havia reconhecido.

Eu queria conhecê-la melhor: eu queria saber o que a encantava, quais eram suas músicas preferidas, o que ela gostava de fazer nas manhãs de domingo e todos os pequenos detalhes que a inseriam enquanto Felícia-por-si-mesma naquela enorme teia que nos envolvia. Felícia emanava uma energia cativante que contagiava, e, estendendo os minutos com sua companhia como se fossem os melhores daquela semana, por mais aleatório que possa parecer um encontro proporcionado por um acidente em um engarrafamento, eu queria passar muitos mais em sua companhia.

LoveMadonna: Ora, me sinto honrado pelo convite. Gostaria, sim :)

AlguémMeSalva: Ufa!! Eu já estava me arrependendo e começando a considerar a esquisitice do meu convite. Vou compartilhar o número do meu celular com vc,

pro caso de estarmos longe demais um do outro pro Waze permitir nossa conversa.

AlguémMeSalva: Amanhã, rua da Glória, às onze?

III

AQUELE COM A
PIADA DO PAVÊ

LoveMadonna: Sabe, não acredito que nunca tínhamos nos encontrado até agora. Você passa pela Avenida Tiradentes todos os dias nesse horário, não? Poxa, eu também.

AlguémMeSalva: Olha só, alguém não hesitou nem dez minutos dps que nos separamos para continuar nossa conversa (não estou reclamando)

AlguémMeSalva: Acredita que eu estou em outro engarrafamento?

AlguémMeSalva: Mas sim, eu passo, vc passa, e tbm boa parte dos honestos trabalhadores da região... Consigo acreditar que nunca tínhamos nos encontrado até agr nessa cidade gigantesca de MIL QUINHENTOS E VINTE E UM quilômetros quadrados.

AlguémMeSalva: Mas fico feliz que nos encontramos agora :)

Admito: eu esperei quatro minutos, segundo a ordem cronológica de nossas mensagens enviadas, mas não vi razão de cessar a conversa até o dia seguinte. E, claro, a poda de uma árvore em pleno final de expediente de sexta-feira não me permitia voltar para casa tão cedo, assim como Felícia deveria estar, sei lá, sendo impedida por uma equipe de cortar grama atravessando a pista ou algo assim. E estes eram procedimentos dos quais ninguém deveria reclamar, afinal aquelas pessoas estavam deixando a cidade mais bonita e habitável. Certo?

LoveMadonna: Bom, eu também estou preso no trânsito de novo. E queria continuar conversando com você... Mas também posso ficar quieto, se você estiver incomodada com as minhas mensagens.

LoveMadonna: (Tá, um encontro entre nós não era exatamente implícito, mas

você tem razão em dizer essa última frase. Ainda que você tenha me feito provar sanduíche de berinjela... hahahaha)

LoveMadonna: (Estava ótima, estou só brincando).

A árvore sendo podada era um ipê, pelo que me lembre. Ele não estava florido, mas uma senhora carregada de sacolas que andava pela calçada pediu um ramo de suas folhas para a equipe de poda. Pude observá-la satisfeita espetando-o em seu chapéu branco meio encardido e seguir em frente antes que os carros de trás buzinassem por eu estar parado diante de um sinal verde. Quantas pessoas impacientes e distraídas teriam passado os olhos por ela sem realmente vê-la? Após ter me encontrado com Felícia, passei a pensar ainda mais em todos os elementos de nossa teia de coincidências, e me peguei imaginando a interferência daquela senhora naquela cena em específico.

AlguémMeSalva: Essa pausa na conversa que vc acabou de fazer foi uma das mais longas pelas quais já passamos. Felícia Castella suspeita que um certo Matheus Albuquerque, uma das pessoas mais tagarelas que já conheceu, está tentando se refrear, mas não aprova essa tentativa diante da perspectiva de boas conversas.

LoveMadonna: ...

Eu estava apenas observando a senhora com o ramo de ipê, mas tenho quase certeza de que minha insegurança se afrouxou um pouco ao ler a última mensagem de Felícia. Ela não estava me considerando inconveniente ou uma conversa a se manter por pena — um tipo de pensamento pelo qual minha irmã Júlia me repreenderia por cultivar, mas que me acometeu em um supetão. Suspirei, mexendo nos botões do rádio, tentando evitar o noticiário trágico que podia ser ouvido através das janelas de quase todos os carros ao redor.

LoveMadonna: Eu tinha feito uma pausa pra observar uma árvore sendo podada e atrasando minha volta pra casa, mas posso fazer esse supremo esforço de continuar conversando com você.

LoveMadonna: Que mal me pergunte, mas com que nome você registrou meu número de celular nos seus contatos?

AlguémMeSalva: Ora, que gentil, se esforçando tanto pra não entediar sua companheira de engarrafamento. Há. Há.

AlguémMeSalva: Eu estava pensando nisso agora, mas fiquei com vergonha de fazer uma pergunta dessas.

LoveMadonna: Então no “três” nós dois falamos o nome do contato um do outro. Quer dizer, se é que você registrou meu número nos seus contatos.

LoveMadonna: Um

AlguémMeSalva: Dois (claro que registrei).

LoveMadonna: Três

LoveMadonna e AlguémMeSalva estão digitando...

LoveMadonna: Salvei seu nome como “AlguémMeSalva” para honrar nossas origens. :P

AlguémMeSalva: Salvei como “LoveMadonna” só pra me lembrar q vc é um fã secreto da estrela do pop. Eu ainda vou entrar no seu carro um dia e achar uma coleção de CDs da Madonna escondidos no porta luvas.

LoveMadonna: ...

LoveMadonna: HAHAHAHAHAHA

LoveMadonna: Quem ainda compra CDs e guarda no porta luvas?!

AlguémMeSalva: Alguém me salva, literalmente! Onde fui conhecer esse químico engraçadinho que parece nutrir uma aversão injusta por berinjela?

LoveMadonna: De um engarrafamento, é claro!

LoveMadonna: Um tempo atrás eu tentei fazer as contas de quanto tempo perdia preso em engarrafamentos por semana, sabia? Mas os resultados estavam com uma perspectiva meio assustadora, quase 24h estagnadas dentro do carro, esperando o trânsito fluir, e eu deixei essas contas pra lá.

Eu realmente havia calculado isso em um desses momentos de espera, e cheguei novamente a uma conclusão antiga de que certas contas não devem ser feitas: os resultados causam o efeito contrário de um estímulo ou um alívio, calcando aquelas *vinte e quatro horas por semana* perdidas na poluição, no gasto de combustível, no cansaço e na postura ruim diante do volante bem nas memórias mais recentes do meu cérebro, piscando como que em um letreiro neon toda vez

que me encontrava com o carro espremido entre tantos outros para atravessar uma ponte ou avançar em um semáforo. E daí eu sentia falta do metrô usado todo dia de manhã para ir à faculdade e para o estágio, percebendo tarde demais que reclamei à toa do transporte público.

Olá, vida adulta; olá, trabalho que me requisitava o uso do carro.

AlguémMeSalva: É por isso que devemos ao menos tentar aproveitar essas horas todas fazendo algo que gostamos.

AlguémMeSalva: Ouvindo ABBA, por exemplo.

LoveMadonna: ABBA?

AlguémMeSalva: Ai, não. Vc não sabe o que é ABBA??? Vc nunca assistiu Mamma Mia, o melhor musical de todos os tempos?

LoveMadonna: Não?

AlguémMeSalva: Vc simplesmente NÃO TEM NOÇÃO do que ta perdendo!

LoveMadonna: Olha só, acho que descobri seu ponto fraco de fangirl HAHAHA

AlguémMeSalva: Não é um ponto fraco. Fazer o mundo conhecer ABBA e *Mamma Mia* é quase uma missão de vida.

Eu consegui imaginá-la fazendo careta para mim, mesmo a quilômetros de distância. Ainda consigo imaginar, na verdade, e isso aperta o nó na garganta que tento esconder enquanto Felícia está, novamente, a quilômetros de distância. Mas retomemos meus propósitos monográficos, pois: de nada adianta remoer sobre o que não temos controle.

LoveMadonna: Sabe, eu esqueci de te fazer algumas perguntas que agora me pareceram importantes pra uma interação normal entre duas pessoas normais. Devo confessar que estou um pouco envergonhado.

AlguémMeSalva: Como quais perguntas, sr. Normal-em-uma-conversa-normal? Duvido que vc esteja realmente envergonhado :P

AlguémMeSalva: Considerando que estamos trocando mensagens, não tô achando nada muito normal nessa conversa diante da sua digitação tão perfeita. Me sinto até mal por digitar td abreviado.

LoveMadonna: Não se sinta mal, Feli! Eu digito tudo certinho por hábito, eu acho. Mas, no fim, a comunicação que estabelecemos é a mesma, com internetês ou não, então você não tem nada que se sentir mal por isso.

LoveMadonna: E eu estou envergonhado, sim. Não conte a ninguém, mas talvez ainda mais envergonhado do que quando meu tio Fred faz a piada do pavê, ou de quando relembro do galanteio barato que te fiz para ganhar um beijo na bochecha.

Dramático, mas brutalmente sincero. Prazer, eu.

AlguémMeSalva: HAHHAHAHAHA, tudo bem

AlguémMeSalva: Mas faz essas perguntas q agr fiquei curiosa.

LoveMadonna: Bem... Com o que você trabalha? Qual é a sua banda preferida? Qual é sua melhor lembrança do Ensino Médio? Como você sabe a área ocupada pela cidade de São Paulo?

Parecia esquisito fazer aquele tipo de pergunta. Interagir com Felícia pela primeira vez não era como uma conversa usual: ela fazia com que eu me sentisse à vontade, como se nos conhecêssemos há tempos, e as piadas se entremeavam a olhares carinhosos e caretas sapecas. A cada momento, entretanto, eu conseguia perceber a infinidade de detalhes seus os quais ainda não eram do meu conhecimento e me instigavam.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: Vamos por itens:

AlguémMeSalva: 1. Eu sou roteirista de uma empresa televisiva, mas o que queria msm é ser uma escritora “de verdade”, sabe? Só to nesse emprego porque foi arranjado pela minha mãe, tenho 24 anos e preciso trabalhar...

AlguémMeSalva: 2. Não sei se eu tenho uma banda exatamente PREFERIDA, mas talvez seja Half Moon Run (vc tem? Essa é uma ótima questão do tipo “me conheça melhor”).

AlguémMeSalva: 3. O dia em q eu e minhas amigas nos apresentamos no teatro do colégio. Era pra ser uma representação de O Auto Da Barca Do Inferno, mas o Gil Vicente deve ter revirado seus ossos no túmulo com a nossa adaptação de personagens pra estrelas do pop e personagens de livros geek. Dá vergonha só de

lembrar, mas foi tão bom hahahaha :)

AlguémMeSalva: 4. Ora, esse tipo de conhecimento é facilmente acessível... Se você pesquisar no google e quiser essa curiosidade inútil ocupando espaço no seu cérebro :P hehe

LoveMadonna: HAHHAHAHAHA

LoveMadonna: Gostei da sua metodologia de resposta. Vamos por itens, então.

LoveMadonna: 1. Que incrível!! Então é você que faz a Emengarda beber veneno no último capítulo da novela das seis e leva a audiência à loucura? Se minha mãe soubesse, acho que ela te subornaria com doces e bolinhos para saber os detalhes antes de todo mundo. Mas por que isso não é ser uma “escritora de verdade”?

LoveMadonna: 2. Eu gosto bastante de Tears For Fears. Acho que é minha banda preferida.

LoveMadonna: 3. Você promete me contar essa história com mais detalhes amanhã? Parece ter sido HILÁRIA!!

LoveMadonna: 4. Ah, é danadinha a dona Felícia. Claro, claro. É justamente por ocupar espaço no meu cérebro com essas bobagens que quase esqueço a chave do carro dentro de casa todo dia de manhã... Mas é uma boa curiosidade para quando o assunto morre.

AlguémMeSalva: Então eu usei minha curiosidade em vão, já que o nosso assunto não morreu hahahah

AlguémMeSalva: Aliás, como a gente fala, né? Vamos deixar a história da minha melhor lembrança do ensino médio para amanhã, e se vc tiver disposição eu te explico o que quero dizer com “escritora de verdade”. Não posso expor tudo sobre mim logo de início, ou vc vai descobrir depressa demais o quanto sou desinteressante.

“Desinteressante”, ela disse, mas eu pensei em seu antônimo para descrevê-la. Observando-a sob as luzes frias daquela loja de conveniências, cada minúscula partícula sua chamava minha atenção.

AlguémMeSalva está digitando...

Buscando por um caminho alternativo no aplicativo do Waze enquanto Felícia digitava, devo ter percebido que estava nos arredores do consultório do meu dentista — é o que posso supor depois de alguns meses — e, querendo colocar um lembrete para agendar uma consulta, puxei mais um fio daquela teia de coincidências com apenas oito letras.

LoveMadonna: dentista.

AlguémMeSalva: Dentista?

LoveMadonna: Ops, desculpa! HAHAHA

LoveMadonna: Queria colocar um lembrete no celular para agendar uma consulta com o dentista e acabei mandando uma mensagem para você. Já que isso aconteceu, você bem que poderia agendar para mim, né? :P Como eu falo demais, sempre acabo mandando uma mensagem superlonga para ele, coitado...

Eu tinha certeza — e ainda tenho, na verdade — que devo ser o paciente mais trabalhoso para o doutor Renato. Enquanto todos os outros simplesmente ficam quietos durante a consulta, penso eu, meus dedos digitadores continuam em movimento, preenchendo a sala com a voz que sai dos alto falantes do celular, comentando o clima, o mundial de futebol e os incêndios de verão em Portugal.

AlguémMeSalva: Não que eu seja sua secretária para te agendar coisas, mas então me disponho a marcar uma consulta para você com o meu dentista. Duvido que seja possível arrancar mais do que duas palavras e um parecer profissional do doutor Renato!

Tendo parado de responder Felícia por alguns instantes para dirigir finalmente o carro até a garagem do meu prédio, recordo-me de não conseguir sentir nada mais além de espanto ao ler sua última mensagem.

LoveMadonna: Doutor Renato, alto, meio careca, com o consultório na rua Boa Vista?

AlguémMeSalva: Esse mesmo!! Nossa, vc sempre me perseguiu e só agora conseguiu dar o bote?

LoveMadonna: Eu estava pensando exatamente isso... Só que na perspectiva contrária.

Seria possível que em algum momento do agora pretérito perfeito eu já tivesse

me encontrado com Felícia? Talvez ela fosse a dona do par interessantíssimo de tênis salpicados de tinta que observei com o canto dos olhos na sala de espera enquanto folheava uma revista de sucos uns dois meses atrás. Talvez ela fosse a pessoa por trás do jornal enorme sobre arquitetura contemporânea que permaneceu oculta durante todo o meu tempo naquelas poltronas de espera, ou ainda a nesga de vestido amarelo que vislumbrei quando estava saindo de uma consulta.

É engraçada a forma como estamos tão absortos em nossas próprias vidas que por vezes sequer somos capazes de notar as pessoas ao nosso redor — e com isso não falo de amigos, parentes e conhecidos, mas, de repente, daquela pessoa que te vê todo dia no metrô, no mesmo horário, ou o atendente daquele café que você frequenta sempre no mesmo dia da semana. Felícia poderia ter cruzado o seu caminho com o meu algumas vezes sem que nos notássemos, e talvez não tivéssemos jamais conversado se não tivéssemos colidido nossos percursos e feito nossa educada indiferença sair dos eixos.

Ainda que seu carro amarelo não tenha achado aquela colisão nada engraçada, penso que deveríamos agradecer ao dono do sedã rosa pelo elemento fundamental que proporcionou nosso encontro. Quantas chances já não teríamos tido de nos conhecer? Mesmo diante da minha indubitável gratidão a esse acontecimento, pensar em ter me encontrado antes com Felícia faz algo dentro de mim se romper, desperta uma saudade de momentos que poderíamos ter vivido e aproveitado, mas que sequer existiram. Independente das circunstâncias — afinal, não é como se um engarrafamento fosse uma situação ideal —, por vezes desejo que a tivesse conhecido antes. A teia de coincidências possui elementos imprevisíveis demais, e às vezes doídos demais, para quem ama. Quanto tempo não gastamos estando próximo um do outro sem que tomássemos conhecimento disso? Quanto tempo agora se passa fazendo afundar cada dia mais em mim a saudade da melhor fã de Half Moon Run e ABBA que conheço?

LoveMadonna: Puxa vida, o doutor Renato não é lá muito comunicativo, mas é bem gentil. Sabia que ele gosta de arte etrusca?

AlguémMeSalva: Não tinha a mínima ideia disso, e era bem provável que permanecesse ignorante desse fato.

É muito provável que a arte etrusca seja o ponto fraco de fã do doutor Renato, e muito poucas pessoas saibam disso estritamente devido à sua falta de

comunicação. Por isso que eu passei a valorizar ainda mais a fala após ter a paralisia de uma das minhas cordas vocais, afinal: não falamos apenas para transmitir sinais básicos de necessidades humanas. Falamos porque temos paixão por algo e queremos compartilhá-la. Falamos porque queremos debater, apresentar as diferentes perspectivas que possuímos e entender perspectivas diferentes.

Falamos porque assim existimos para os outros — e por bastante tempo eu inexisti, retraído pela garganta que ardia e pelos sons que hesitavam em sair da minha boca em murmúrios roucos e insatisfatórios os quais me roubavam a respiração. Foi a LIBRAS que possibilitou a mim uma nova forma de me comunicar e ser ouvido. Foi a LIBRAS, acima de tudo, que me fez perceber que toda e qualquer língua é válida quando se trata de se comunicar — seja ela vocal ou não. É natural, quase que muito simples de se esquecer do quão poderosa e significativa pode ser uma interação comunicativa entre duas pessoas se a fazemos com indiferença ou negligenciamos seu uso. Eu havia reaprendido a falar com as pessoas, fosse verbalizando o que gostaria de transmitir, gesticulando ou digitando. Porque havia também o *smartphone*, que não me tornou um viciado em tecnologia, mas era utilizado por mim para sua função mais básica e inocente — a comunicação.

AlguémMeSalva: Vou considerar q ele não abaixa o preço da consulta pq ta juntando dinheiro pra ir pra Itália então. E talvez tbm tenha que admitir as chances de já termos nos encontrado em algum momento aumentaram agora. Não mto, mas aumentaram.

Não só aumentaram, mas atingiram o ponto mais importante: concretizaram-se.

LoveMadonna: Viva a arte etrusca!

LoveMadonna: Claro que aumentaram! Daqui a pouco vou descobrir que você compartilha da mesma vizinhança que eu, trabalha no mesmo prédio e almoça no mesmo lugar frequentado por mim todos os dias.

Até que talvez não fosse uma má ideia.

AlguémMeSalva: Isso eu duvido. Acho que não frequento ambientes propícios ao dia a dia de trabalho de um químico maníaco por rótulos.

LoveMadonna: E ambientes propícios a dias de lazer de um químico maníaco por rótulos e ressabiado em relação a sanduíches de berinjela, você frequentaria?

Nesse momento, lembro-me de ter esperado muito que ela dissesse sim. E ela disse, considerando que meses depois aqui estou, escrevendo sobre ela em uma monografia em pleno *réveillon*. Essa referida monografia, aliás, já foi vendida antes do tempo não a seu propósito inicial: aqui não trato de engarrafamento, mas de Felícia. E o curioso é que, às vezes, torna-se difícil distinguir o princípio de um assunto e o fim do outro.

IV

AQUELE COM OS GUIOZAS

Apesar de tentar sempre me manter grato às coincidências e ao acaso — afinal, não encontrei Felícia à toa, eles pareciam sempre estar fazendo algum tipo de brincadeira de mau gosto comigo. Era isso que eu pensava no sábado de manhã, dia de vê-la novamente. Quem consegue ficar preso em um engarrafamento às oito e meia da manhã?

Eu. E mais algumas centenas de pessoas que pareciam não ter pressa alguma de aproveitar cada centímetro para avançarem um pouco mais em direção a Felícia, e colaborar com a minha pontualidade.

Sabendo que ficar estressado não ajudaria em nada, embora eu quisesse enfiar a cabeça para fora da janela e fazer meu celular reproduzir bem alto algumas frases mal-educadas para que todos aqueles carros saíssem da minha frente, comecei a observar meus companheiros de engarrafamento. Havia de tudo: casais mais velhos de viseira e óculos escuros; famílias com crianças, brinquedos e cadeirinhas de segurança atulhando cada espaço do automóvel; grupos de amigos indo viajar com o porta malas lotado; e algumas pessoas sozinhas como eu, talvez indo ao encontro de outras mais em parques, festas de aniversário, e, quem sabe, festivais japoneses.

Fazendo passar o tempo ao tentar imaginar aonde cada um iria, inventei um enredo para cada automóvel no meu campo de visão, imaginando o quão divertido seria narrar tudo isso em palavras. Mexendo distraidamente no rádio do carro, lembro de ter me questionado se Felícia se divertia observando as pessoas como forma de inspiração para os seus roteiros. Será que a senhora usando um

chapéu roxo e balançando a cabeça no ritmo da música que ouvia em seu rádio daria uma boa história? Ou quem sabe o casal no carro ao lado, que discutia e caía na gargalhada a cada quinze minutos.

Ou, talvez... a moça cantando junto com a música na fileira da direita dentro do seu Uno amarelo, alguns carros à frente do meu. Será possível que estávamos mesmo seguindo um ao outro, sempre próximos de alguma maneira, embora não tivéssemos percebido antes?

O automóvel que havia entre nós estava com a capota abaixada, e finalmente observei Felícia melhor, entretida, cantando *Don't Stop Me Now*, da banda Queen, com a janela aberta. Minhas memórias dizem que revirei os olhos para essa imprudência, mas ainda assim logo pensei em uma maneira de torná-la propícia e surpreender a motorista de um certo carro amarelo que muito me interessava.

AlguémMeSalva: Só podia ser Matheus Albuquerque para causar uma comoção no engarrafamento ouvindo *Dancing Queen* bem alto.

Para chamar a atenção de Felícia, eu havia dado *play* em sua canção favorita do ABBA, conforme ela havia me contado no dia anterior, colocando a música no último volume. Eu não podia acompanhar a letra gritando a plenos pulmões, como gostaria de fazer, mas fiz questão de encenar cada movimento, acenando alegremente para Felícia quando ela se virou para tentar descobrir de onde vinha aquele som.

AlguémMeSalva: Bom dia :)

LoveMadonna: Você sabe que eu também cantaria bem alto se pudesse. Considere que cantei, afinal ouvi a música e talvez possa ter decorado a letra em um intervalo de mais ou menos 12 horas desde que tive conhecimento dela pela primeira vez.

LoveMadonna: Bom dia, Feli :)

Dancing Queen continuava tocando, e a versão da música gravada para o próprio musical de *Mamma Mia* se sobressaía em meio às buzinas e estouros dos escapamentos das motocicletas. Além de prestar atenção no trânsito, porém, eu só conseguia olhar para Felícia.

Ela estava revirando os olhos e me mostrando um meio sorriso encantador,

parecendo ter a capacidade de convergir um círculo cromático inteiro apenas no espaço que abrangia seu automóvel. A começar pela sua lataria amarela, passando por seus óculos de sol de lentes cor de rosa e pelo tecido azul claro com bolinhas brancas de sua blusa, Felícia era uma efervescência de cores dissolvida em um mar de carros pretos e cinzentos — o meu incluso. Esse era um dos vários motivos pelos quais ela era muito observável: sua personalidade parecia transbordar de si mesma, afetando o que a rodeava com um encanto irrepreensível.

AlguémMeSalva: Tudo isso para me impressionar? Não sabia que eu possuía tanta credibilidade.

AlguémMeSalva: Ei, math, não esquece de entrar pela rua da Glória, ou você vai acabar virando em alguma rua bloqueada para o festival.

Felícia acenou para atrair minha atenção — e sem querer, a atenção de outros motoristas do engarrafamento também — sinalizando exageradamente a direção na qual deveríamos virar para estacionar nossos carros em um lugar que não estivesse fechado para o trânsito exclusivo de pessoas.

LoveMadonna: Ah, eu senti que deveria estar perdendo algo muito bom, considerando o seu espanto diante do meu desconhecimento de ABBA. E realmente, essa música parece ser capaz de animar qualquer um.

LoveMadonna: Inclusive alguém já te disse que você está esplêndida hoje? Gostei das suas tranças.

AlguémMeSalva: Não ache que eu não percebi esse esforço para me ganhar, viu. hahaha :P

AlguémMeSalva: Ora, ninguém tinha dito isso, obrigada! Vim toda trabalhada desse jeito para impressionar os crushes, mais conhecidos como GUIOZAS E TEMPURÁS

Alguns podem chamar essas mensagens dissimuladas de Felícia de flerte, mas para mim — naquele momento e agora — ela estava mesmo é sendo uma Capitu virtual, toda oblíqua e dissimulada por trás de seu amor pela comida. E se você está matutando essa explicação por um viés pejorativo, saiba que isso não tem nada a ver, porque a Capitu é a melhor personagem daquele livro amado de Machado de Assis, e tenho dito. Os livros divertidos o vestibular não pede, mas eu adoraria ter feito uma prova de literatura sobre fantasia brasileira, ou até

mesmo O Senhor dos Anéis.

Virando na rua indicada pelo Waze e por Felícia, procuro uma vaga para finalmente estacionar o carro, perdendo-a de vista, mas sendo recompensado com um sorriso do senhor de óculos roxos espelhados, o qual também parecia estar interessado no *Hanamatsuri*.

LoveMadonna: Feli? Perdi você de vista, conseguiu estacionar seu carro?

AlguémMeSalva: Oi! Acabei de conseguir uma vaga pouco mais à frente da sua. Que bom que conseguimos chegar cedo, apesar de todo o engarrafamento.

Mesmo estando em uma rua secundária do bairro, já era possível ouvir o som de algum tipo de tambor misturado ao burburinho de uma multidão. Na Rua da Glória já estavam presentes as icônicas lanternas vermelhas do bairro da Liberdade, e sorri, meio revoltado comigo mesmo por nunca ter visitado aquele lugar tão incrível e tão perto da minha casa.

Quando pude localizar pela segunda vez no dia, Felícia estava parada ao lado de seu carro amarelo, estacionado alguns metros à frente do meu. Ela acenou, contente, e parecia prestes a pegar o celular no bolso de trás da calça jeans quando a impedi com um gesto, aproximando-me.

A esta altura do meu relato dos acontecimentos, posso declarar que, além de ter experimentado ainda mais intensamente a alegria incontida que fervilhava em mim a cada mensagem trocada com Felícia, deixei minha posição de observador por alguns preciosos instantes: ao nos aproximarmos, foi inevitável corresponder ao sorriso escancarado que me dirigia, e considerei enlaçá-la para um beijo na bochecha. E foi o que fiz mesmo, sabia? Deus sabe de onde arranjei essa intrepidez — eu, que não consigo nem pedir licença para o casal sentado na areia à minha frente agora, atrapalhando a única perspectiva livre que eu tinha do mar. Mas meu toque tímido daquele enlace roçou a pele macia e quente de seus ombros expostos, e a proximidade necessária estabelecida para beijar a bochecha de Felícia me fez pensar no quão bom seria seu abraço.

Após nos afastarmos, todavia, ela pegou o celular para me enviar uma mensagem.

AlguémMeSalva: Uau, que galante! E cheiroso.

AlguémMeSalva: Oi, bom dia de novo :) pronto pra mergulhar no bairro mais

divertido de São Paulo, e em um dos festivais mais bonitos que já visitei?

LoveMadonna: Bom dia, senhorita cheiro de jujubas HAHAHA

LoveMadonna: Estou pronto! Mas sabe, se você não se importar, talvez a gente pudesse tentar verbalizar nosso diálogo. Quer dizer, eu sei que você consegue, mas eu gostaria de fazer essa tentativa. Prefiro um desconforto posterior completamente aceitável a não prestar a atenção devida aos detalhes da festa, ou pior, à minha ótima companhia.

Eu já havia refletido sobre isso desde o dia anterior, quando cheguei em casa e procurei poupar o máximo possível o fio de voz que me restava, abrindo mão até mesmo do meu cantarolar de sexta-feira debaixo do chuveiro. Como havia explicado para Felícia e estou agora colocando em minúcias nesta monografia, consigo falar, embora não como as outras pessoas. Isso exige um esforço adicional de minha parte que eu geralmente procuro reduzir o máximo possível e seleciono muito bem com quem irei usá-la. Para Felícia, porém, eu queria meu esforço. Naquele dia, eu não queria me preocupar com selecionar as frases mais curtas que eu poderia pronunciar para me manifestar. Eu queria falar livremente, cantar todas as músicas que pudesse, conversar sem precisar estar com os olhos colados à tela do meu *smartphone*.

Ela acenou com a cabeça em concordância, um tanto solene, segurando sua bolsa de palha com firmeza sobre o ombro.

— Oi, Feli — respirei fundo, divertindo-me com a expectativa na sua expressão.

— Oi. Você está pronto então, Matheus Albuquerque, para adentrar o bairro mais divertido de São Paulo?

Ela sorriu novamente, fazendo uma careta engraçadinha, e tirou de dentro da bolsa os óculos de sol de lentes cor de rosa que eu havia visto de longe, no engarrafamento. Logo em seguida, sem sequer esperar uma concordância de minha parte, e como se fosse um hábito que tivéssemos cultivado por anos, encaixou sua mão na minha, puxando-me pela calçada em direção ao cerne do festival. Tenho quase certeza de que gastei dois ou três segundos para me recuperar do susto diante da iniciativa de Felícia, mas me deixei levar sem grandes relutâncias.

Com o passar do tempo, ainda que não seja um longo período, possuímos a tendência natural de suprimir detalhes de nossa memória acerca dos

acontecimentos passados. O que senti durante os poucos minutos nos quais minha mão esteve envolvida pela de Felícia como se ela temesse que eu fugisse ou me esquivasse, entretanto, está registrado com nitidez entre minhas lembranças daquela manhã de sábado.

O *Hanamatsuri* era tão incomum se comparado ao que eu costumava ver no meu cotidiano que falar “incrível” parece agora um pobre eufemismo. Durante nosso caminho para chegarmos à Avenida da Liberdade, o centro do festival, Felícia me explicou que “Hanamatsuri” queria dizer “festival das flores”, e o evento era realizado um sábado antes da primeira lua cheia de abril em homenagem ao nascimento do Buda Xaquiamuni, sendo uma celebração budista, além de uma manifestação da cultura do Japão. Se eu já havia gostado da Rua da Glória, tamanha foi a minha fascinação ao chegarmos à rua principal: as calçadas estavam tomadas por barraquinhas vendendo todo tipo de bugigangas e pratos diferentes, cercadas por aquela multidão animada que eu havia ouvido quando estacionamos nossos veículos.

— Sabe, acho que eu não mencionei ainda que não gosto muito da culinária japonesa. — Consigo me lembrar de ter falado o mais alto que pude para me fazer ouvir, protegendo os olhos do sol forte com uma das mãos enquanto a outra ainda era puxada gentilmente por Felícia.

— Você provou e não gostou ou nunca provou nada? — ela perguntou, parando por um momento para não atrapalhar a foto de uma família e também espremendo os olhos por causa do sol forte.

— Assim como no caso da berinjela — comecei, fazendo uma pausa para respirar fundo e limpar a garganta. Já expliquei que minha voz não era lá aquelas coisas mesmo antes do acidente que sofri, mas agora ela parece sempre meio abafada, como se viesse de algum lugar misterioso e profundo da minha garganta. — Não tenho uma boa experiência com comida japonesa. Na verdade, a minha má experiência foi com um prato só, mas meio que não quero relembrar...

— Ai, não! Matheus e suas más experiências. — Felícia soltou uma risadinha, voltando a puxar minha mão para andarmos, mas com calma dessa vez. Consigo me lembrar de ter tentado registrar todos os detalhes do cenário, fascinado com

as lanternas vermelhas icônicas, as bandeirinhas coloridas, a música e o público daquele festival, que incluía vários senhores idosos, famílias com crianças pequenas correndo pelo asfalto em euforia e gente tão estilosa que parecia ter saído diretamente do Pinterest.

Naquele momento, apresentando-me a multiplicidade de aspectos de uma cultura até então desconhecida para mim, Felícia prometeu também me apresentar uma parte da culinária do país que fica do outro lado do mundo. Eu não precisava gostar de tudo, ela disse, mas, assim como gostaria que eu entendesse sua apreciação pela mistura entre atum e berinjela, Felícia me mostrava além de suas peculiaridades e preferências. Ela ia muito além da expressão cansada do dia anterior e da camiseta de banda — Felícia, assim como eu, amava O Senhor dos Anéis, nunca havia assistido a meu filme preferido, e gostava de cozinhar — mas seus doces sempre davam errado.

Andando entre as tendas, Felícia mostrava diversas opções de comida: o consagrado *yakissoba*, o *takoyaki*, um tipo de bolinho de polvo, *tempurá*, um empanado de vegetais e frutos do mar, e o que ela tanto queria comer, os *guiozas*.

— E aqui está a melhor barraquinha de todas: a dos *guiozas*! — ela berrou, animada. — Eu não expliquei direito, mas ele é como se fosse um pastel pequeno feito com uma massa macia e recheado com repolho e cenoura, mas o *guiorza* também pode ter outros recheios, como salmão e carne de porco. Você gostaria de experimentar?

— Olha. — Sorri para a senhora no caixa da tenda, atendendo uma fila enorme de clientes tão vorazes quanto Felícia pelos tais *guiozas*. — Acho que posso provar, sim. Depois de ter comido bolinho de polvo e gostado — esbugalhei os olhos, fazendo-a rir — Eu provo de tudo.

Já havíamos passado da hora do almoço e a tarde avançava. Foi apenas quando paramos por aquele instante na fila é que percebi o quanto estava cansado de andar pelo festival. Não era um cansaço ruim, todavia: em um intervalo de algumas horas eu sentia que conhecia cada vez mais aquela menina que mexia distraidamente na enorme bolsa de palha à minha frente, afastando suas duas tranças com impaciência de seu campo de visão. Aquela era uma Felícia que se

desvelava gradativamente para o estranho que conheceu no engarrafamento, e sua personalidade estava a me encantar cada vez mais.

— Aqui estão. — Recebendo um prato de papelão com seis pasteizinhos, nos afastamos do burburinho, andando até a balaustrada da ponte que fazia a Rua Galvão Bueno passar sobre uma avenida. A massa estava quente e macia, e provando aqueles *guiozas* me questionei o porquê de ter deixado a culinária japonesa em segundo plano por tanto tempo.

LoveMadonna: Você tem razão.

Surpresa com o som que avisava a chegada de uma nova mensagem em seu celular, Felícia ergueu uma sobrancelha para mim, como se questionasse sua procedência.

LoveMadonna: Sim, Felícia, eu que estou te mandando mensagem :P

AlguémMeSalva: Sobre o que eu tinha razão? Claro que eu tinha razão! Hahahaha

LoveMadonna: Sobre os guiozas, senhorita cheia-da-razão. São muito bons! Obrigado por esse dia :)

Ela espichou os lábios em um sorriso, estalando um beijo na minha bochecha antes de voltar a digitar, jogando o prato de papelão na lata de lixo ao seu lado.

AlguémMeSalva: Você também tinha razão, sabe? Eu precisava de ajuda sim, só que no caso era a ajuda onipotente do caos que rege o Universo pra te encontrar :P

AlguémMeSalva: Disponha, Matheus Albuquerque. É muito bom estar em sua companhia.

AlguémMeSalva: Posso fazer uma pergunta?

LoveMadonna: Mas é claro, Feli.

AlguémMeSalva: Você ficou cansado, está tudo bem? Por que voltamos a conversar por mensagens?

Eu não estava cansado. Tudo bem, talvez estivesse, mas não estava passando mal. Estar perto de Felícia querendo compartilhar ideias, contar histórias e elaborar as teorias da conspiração mais malucas parecia tão natural e tão necessário que não queria parar de falar. Ela me contou de como estava tentando cultivar berinjelas na varanda minúscula de seu apartamento e como não aguentava mais clichês românticos em suas diretrizes de escrita de roteiro, e eu falei sobre o professor que me inspirou a cursar Química na faculdade, tendo me incentivado inclusive a pedir transferência da universidade mais perto de casa para a mais renomada universidade brasileira. Era por isso que eu estava então em São Paulo, ela matutou em voz alta, e disse ter agradecido ao professor Messias por isso. As horas passaram com a conversa, as tendas e uma apresentação de dança tradicional japonesa em homenagem ao Buda.

Mas o fluxo de nossa conversa me confundia à mesma medida que me deixava ainda mais “encantado”, o mesmo termo que usei quando me apresentei formalmente com meu nome para Felícia no dia anterior. Isso se devia ao simples fato de que eu não queria me despedir dela, temendo, talvez, que toda a conexão construída por nós se desvanecesse e não passasse de uma ocasião aleatória em nosso cotidiano, lembrada como uma história divertida para ser compartilhada em uma conversa informal com os nossos amigos.

E diante da perspectiva de nos separarmos novamente, quase indo embora do festival, eu me dei conta de que não podia deixar a configuração perfeita da teia de coincidências que nos unia se modificar diante dos meus olhos. Ali à minha frente estava a moça mais meiga, divertida e encantadora do engarrafamento, e, em uma metáfora ruim, o semáforo poderia abrir a qualquer momento, e a maré de automóveis nos levaria para longe.

LoveMadonna: Está tudo ótimo, Feli. Na verdade, estar em sua companhia está se revelando ser tão bom que eu não quero dizer tchau de novo.

AlguémMeSalva: Nem eu. De novo.

Trocamos um sorriso meio divertido, meio sem jeito, ambos hesitantes — ou

talvez apenas eu estivesse hesitante, porque, segundo Felícia, seu olhar bastaria para que eu compreendesse tudo o que queria naquele momento.

LoveMadonna: Hm, qual será que é a razão de ser das águas vivas? Como Mamma Mia pode ser definido como o melhor musical de todos os tempos? As tartarugas gigantes vão ser extintas em menos de 50 anos? Você sabia que eu sofro de um mal chamado crush não correspondido?

— Ah, é? — Felícia quebrou o silêncio entre nós, apoiando-se na balaustrada da ponte e me dirigindo um meio sorriso acompanhado de seu olhar de Capitu.

— “Ah, é?” o quê? — sussurrei, colocando-me ao seu lado. O sol se punha ainda mais bonito que no dia anterior, e ficamos por alguns instantes em silêncio, ouvindo os ruídos do trânsito na avenida abaixo do viaduto.

Fazendo jus à natureza, o pôr do sol não estava “ainda mais bonito”, devo dizer. Procurando manter o que resta de monografia na minha história, e sendo este um evento corrente enquanto fenômeno natural, deveria estar igual a todos os dias — mais nuvens no céu, menos nuvens, diferentes matizes de cores, que importa? Fui eu quem o enxergou de outra maneira; poderia ser da maneira como minha irmã Júlia enxergaria, da maneira como Felícia enxergava e da maneira como eu via antes de ceder ao pessimismo dos engarrafamentos.

— Ah, é, um *crush* não correspondido?

Olhando fixamente para frente, eu percebi Felícia a se aproximar pela minha visão periférica, apoiando a cabeça em meu ombro.

LoveMadonna: Não tenho certeza sobre isso, mas talvez você possa me ajudar.

Hesitei com os polegares sobre o teclado, temendo finalizar o dia de uma forma ruim. Contudo, se eu tivesse hesitado, nunca teríamos sequer conversado. Se eu tivesse hesitado, não teria perguntado mais uma vez se ela precisava de ajuda, e iria embora da loja de conveniências antes que ela chegasse.

LoveMadonna: Eu conheci uma pessoa, sabe? Não faz muito tempo — nem de longe — mas ela surgiu com a delicadeza de uma colisão no meu cotidiano. Ela

parece tão afetuosa e gentil que faz as pessoas sorrirem de forma quase imediata, e olha que eu percebi que os paulistas são duros na queda no que se relaciona a essa história de sorrir para desconhecidos. Bobos são eles, penso eu, porque, mesmo sendo uma cantada barata de tio do boteco o que vou dizer, o sorriso dessa pessoa é tão bonito que dá vontade de sorrir com ela sempre. Ela ama berinjela e cheira a jujubas, é colorida nas roupas e na alma. Ela acha que não pode ser uma escritora “de verdade”, mas aos meus olhos parece o ser, desfiando história atrás de história com uma fluência natural tão deliciosa que sua conversa não possui um final voluntário. Mas ela também é muito empática e faz um silêncio tão atento quando o julga necessário que conforta qualquer um. Não posso nem começar a falar sobre sua boca ou seus olhos, pois chafurdaria em um clichê romântico que ela me disse estar cansada de ver reproduzido todos os dias no trabalho e nos livros. Se bem que é aí que se aloja minha problemática: eu chafurdei em um clichê romântico desde o começo dessa digressão... E talvez isso não tenha conserto. Eu não tenho conserto, de certa forma.

Devo ter passado um bom tempo digitando, pois Felícia se impacientou um pouco, tentando espiar o que eu tanto escrevia. Afastei-me dela, entretanto, apagando e reformulando várias vezes o que eu queria dizer. Quando nos conhecemos no dia anterior, também havia apostado no tudo ou nada após perceber a inevitabilidade da situação. Naquele final de tarde, a situação em que me colocava poderia ser evitada ou omissa: mas eu queria poder me comunicar, dizer o que pensava e o que sentia, sem precisar me limitar no exercício da fala ou pelas mensagens curtas e rápidas da funcionalidade do celular. Eu queria saber o que ela pensava.

Mensagem enviada.

AQUELE COM AS BERINJELAS V

Os momentos que se seguiram ao envio da minha mensagem ficaram suspensos em uma tensão carregada de expectativa. Com a cabeça afundada entre os braços apoiados na balaustrada da ponte, afastado de Felícia para que ela não pudesse ler o que eu escrevia antes de clicar em “enviar”, fechei os olhos com força, esperando. Eu não fazia ideia do que poderia acontecer a partir daquele novo fio o qual havia tecido e inserido na teia por conta própria, sem querer parar para pensar muito nas consequências e novos padrões a serem tecidos por ela. Tinha ciência de que aquela não era uma declaração amorosa entalada na garganta por anos ou cultivada ao longo de um período razoável de convivência: era, literalmente, uma digressão do que eu achava e sentia desde que a havia conhecido no dia anterior, transcrita ali nas telas brilhantes de nossos celulares.

E estava tudo bem. Eu não precisava — como por muito tempo achei necessário — percorrer uma jornada heroica ou derrotar sete ex-namorados para dizer a Felícia o que sentia. Mesmo antes de começar a faculdade ou de as coisas piorarem com a minha paralisia das cordas vocais, era a iniciativa que me faltava.

Isso a moça bonita que cheirava a jujubas parecia ter de sobra, mas aquela era a minha vez de falar.

AlguémMeSalva está digitando...

Eu não tinha coragem de voltar meus olhos para a direção a qual sabia estar Felícia. Mas o aviso de que ela estava digitando piscava na tela do meu celular, insistente, um lapso entre a leitura da mensagem e a resposta.

AlguémMeSalva está digitando...

Não pensei em cronometrar minha espera por uma resposta ou reação dela propositalmente, mas encarando o relógio em meu pulso contei quatro minutos de silêncio, o mesmo tempo que levei para retomar a conversa quando nos separamos após deixarmos o posto de gasolina.

— Quer saber? — ela voltou a se recostar ao meu lado na balaustrada, não deixando de olhar para mim enquanto guardava o celular de volta na bolsa com cautela. — Acho que não precisamos de mais mensagens de texto agora.

— Não? — Levantei uma sobrancelha, buscando imitar sua expressão neutra. Eu sentia minha própria pulsação retumbar nos meus ouvidos como um daqueles tambores tradicionais japoneses, e me afastei da grade, estranhando com pesar a incomum seriedade de Felícia.

Entretanto, a moça tinha olhos de Capitu e alma de facetas caleidoscópicas que mostravam cada uma a pluralidade da Felícia à minha frente: sua apreciação por ABBA, seu gosto por berinjelas e O Senhor dos Anéis e milhares de outros detalhes que formavam a configuração da teia de coincidências a qual definia a pessoa que era. Ela deu um passo em minha direção, inclinando um pouco a cabeça para trás a fim de me olhar nos olhos com uma intensidade desnorteante.

Ainda um pouco incerto, estendi minha mão e puxei com carinho uma de suas tranças, para então envolver a lateral de seu rosto, acariciando sua bochecha com o polegar. Arrisquei um meio sorriso, espelhando novamente a expressão de Felícia.

— Bom, não — ela abriu o sorriso que me encantava, virando os olhos para cima com uma expressão sapeca. — Sabe, Matheus, você é muito meigo, mas vou interromper seus carinhos por um instante. Você se importa?

Ela quase não esperou minha resposta, aproximando-se mais e inclinando a

cabeça para trás, quase encostando os lábios em meu queixo, como se pedisse permissão para me beijar. Seus olhos ardiam, desafiando-me a eliminar os milímetros que haviam entre nossos lábios: eu podia ser hesitante, mas não havia linguagem silenciosa mais clara do que aquela. Sem dedicar nem mais um instante para observar a pureza de seus traços iluminados pelos raios de luz do sol que se punha, beijei enfim Felícia.

Ela era a doçura ácida das jujubas e a calidez daquele pôr do sol lânguido em um partir de lábios.

AlguémMeSalva: Após os quatro minutos habituais de silêncio, posso fazer um comentário?

Dirigindo na penumbra que vencia meus faróis e os postes de iluminação, anunciando o fim do dia, sorri. Ao recuperarmos a distância de alguns centímetros entre nós na Rua Galvão Bueno, qual não foi a minha surpresa ao constatar que os olhos de Felícia reluziam à mesma intensidade dos meus e suas bochechas afogueadas complementavam minha respiração um tanto quanto ofegante. Seu beijo havia tirado mais meu fôlego que qualquer frase longa que eu ousasse pronunciar, e eu contemplei a garota caleidoscópica sem pressa.

LoveMadonna: Mas é claro, Feli. :)

AlguémMeSalva: Obrigada pelo dia. Achei que eu fosse apresentar várias coisas novas e guiar pelo *Hanamatsuri* o moço engraçadinho que havia me encontrado no engarrafamento de sexta, mas vc acabou me guiando por lá de uma outra maneira. Pra quem eu agradeço por ter te conhecido?

LoveMadonna: Eu que insisto em agradecer uma vez mais, moça bonita. Você transformou a perspectiva de um sábado sem graça em algo tão bom que estou até meio zozinho de alegria, sabe?

LoveMadonna: Bom, não sei se você acredita em algum ser superior ordenador do Universo. Mas ando pensando bastante ultimamente em como todas as pessoas são ligadas umas às outras por conexões que estabelecemos às vezes sem nem perceber, e cada ação que praticamos tem pelo menos uma

consequência direta nessas ligações. O que quer que tenha acontecido na Avenida Tiradentes ontem, e também entre nós, fez com que estivéssemos no *Hanamatsuri* hoje. E amei cada momento, até quando provamos aquelas tirinhas de peixe desidratado :P

AlguémMeSalva: O que vc quer dizer então é que devemos caçar todas as pessoas que nos circundaram dsd o dia de ontem até esse momento pra dizer “obrigada”.

LoveMadonna: Exatamente!

AlguémMeSalva: Acho que prefiro caçar vc para nos encontrarmos de novo a ir atrás de todas essas pessoas. Matheus Albuquerque é melhor que todas elas de qualquer maneira, afinal, já que foi o único a me oferecer algum tipo de ajuda. Tbm duvido q elas sejam capazes de escolher jeans tão estilosos, conversar comigo sobre qqr coisa ou me deixar tão feliz...

Foi um tanto quanto surpreendente para mim descobrir o quanto a companhia de Felícia — fosse pessoalmente ou através de mensagens que pareciam ser enunciadas em minha mente com a sua voz — me fazia bem. Aquela moça, com toda a sua euforia, era capaz de me acalmar e me fazer raciocinar com mais sensatez a respeito de medos bobos que eu ainda nutria envolvendo minhas limitações de comunicação; Felícia, em verdade, é uma dessas pessoas que não requerem uma “introdução” para se conhecer, mas se entrega com empatia e afabilidade. Ela não estava inutilizando em quarenta e oito horas os dois anos e meio de terapia que fiz para lidar com o que me afligia — ela estava, de forma inconsciente, ajudando-me a colocar em prática os conselhos que ouvi durante esse período.

LoveMadonna: Bem, neste caso acho que aceito ser caçado. Inclusive não tenho objeções de que o procedimento de captura seja realizado em minha residência, mas saiba que meu primo é muito atento para a identificação de mocinhas sequestradoras. Ou seja, pode já ir desistindo do plano de me colocar em um saco de lixo no porta malas do seu carro, que não vai rolar.

AlguémMeSalva: Credo, Math, que horror!!!!!! De onde vc tira essas ideias, me diz?! Eu estava tentando formular um flerte tão bonitinho qnt o seu, mas vc

estragou tudo.

AlguémMeSalva: Se esse for o caso, não tenho objeções a respeito de ceder algumas das berinjelas orgânicas cultivadas no meu próprio e minúsculo lar para fazermos hambúrgueres no SEU lar. Podemos fazer um hambúrguer para o seu primo também! Como ele se chama?

LoveMadonna: HAHAHHAHA é brincadeira!

LoveMadonna: Com quem fui me meter... Uma fanática por berinjela, e, pior, por *Dancing Queen*, essa música bendita que não sai da minha cabeça :P O nome do meu primo é Rodrigo, e saiba que ele é muito propenso a aceitar esses tipos de suborno alimentícios.

E, de repente, eu me tornei um especialista em engarrafamentos. Não era como se eu os apreciasse, mas a combinação de viver em São Paulo e usar um carro para locomoção parecia ter como termo inerente esses empecilhos de percurso. Como se fosse eu o encarregado de tecer a teia de coincidências de cada engarrafamento em que me embrenhava — ou ao menos mais uma peça do jogo, porém mais atenta que as demais — decorei cada entrada e observava quantos movimentos fossem possíveis da trama que me envolvia. Assim, acredite se quiser, tal como posso afirmar que pelo menos 70% das pessoas nesta praia bebeu espumante antes da contagem regressiva para o ano novo, digo a você que passei a encontrar Felícia indo para casa todos os dias, sem fazer nenhum desvio de percurso.

Às vezes trocávamos apenas um aceno, de vez em quando eu colocava *Dancing Queen* para tocar no rádio do carro, e não foram raras as sextas-feiras nas quais simplesmente encostamos nossos automóveis no posto de gasolina, um esperando o outro para beber um café. Nem eu nem Felícia gostamos de café, na verdade, mas a cafeína era necessária nas horas de maior cansaço, e aquele encontro acabou se tornando uma espécie de acordo tácito ou de um ritual nosso.

Aliás, ela realmente acabou levando berinjelas para o meu apartamento, e o fim de tarde virou noite, meu primo Rodrigo se juntou a nós e aqueles foram os

hambúrgueres vegetarianos mais debatidos (e divertidos) da face da Terra. Voltamos para a Liberdade mais duas vezes na feira de rua que há no sábado, e eu até me esqueci do quanto não gostava da culinária japonesa. Felícia concordou comigo em lembrar de outras coisas, como o quão bom era *guiioza*, e, principalmente, seus beijos. Eu tentei levá-la para correr no Parque Ibirapuera, mas, além de dizer que era clichê demais, a moça que acelerava meu ritmo cardiorrespiratório conseguiu transformar minha corrida em um passeio para interagir com todo tipo de gente aproveitando o parque no final de semana, desde o casal mais velho que nos pediu uma foto à família cheia de crianças fazendo piquenique na grama.

O carro de Felícia foi para o concerto e lá permaneceu por quinze dias. Ela pegou carona comigo em quase todos esses dias, e um infortúnio — para mim — no padrão da nossa teia de coincidências fez com que eu me encontrasse pela primeira vez com o pai dela usando uma tiara verde com orelhas de coelho na cabeça, ajudando-a a carregar suas compras de supermercado para seu apartamento justo no dia em que ele estava lá para fazer um jantar surpresa.

A despeito do meu constrangimento, foi naquela noite de frango queimado, karaokê com um dos homens mais engraçados que já conheci e muita berinjela que disse a Felícia que estava apaixonado por ela. Embora eu já soubesse disso desde o instante em que entrelaçamos nossos dedos, andando de mãos dadas após o *Hanamatsuri*, após nos beijarmos pela primeira vez.

VI AQUELE COM O SUCO DE MARACUJÁ

— Não acredito que você é toda escritora e gastrônoma, mas nunca provou canjica nordestina — eu disse, cruzando os braços sobre a direção e aproveitando para me alongar enquanto o trânsito não fluía.

Nós estávamos debatendo sobre qual doce caseiro era o melhor da cozinha brasileira enquanto éramos temporariamente impedidos de chegar ao local de um seminário sobre mulheres pesquisadoras no mercado de trabalho — importante para a empresa na qual eu trabalhava, importante para a contextualização do próximo roteiro de Felícia —, mas ela não havia provado o melhor deles, de acordo com o *ranking* que eu mesmo fiz.

— Eu não sou uma escritora de verdade e nem gastrônoma, só escrevo roteiros e gosto muito de comida japonesa. — Felícia fez um muxoxo adorável, cutucando minhas costelas, algo que não foi tão adorável assim e me fez esquivar de supetão. — Tenho culpa se minha mãe detesta calor e nunca quis fazer uma viagem em família para o nordeste brasileiro? Me espanto é de você, com essa palidez caucasiana toda, ter ido passar três verões seguidos de férias em Fortaleza. Eu entendo que o seu segundo doce preferido é doce de abóbora e o terceiro é torta holandesa, que também amo, mas canjica nordestina, o que é isso?

— Ai, esse cutucão doeu! — reclamei, mas Felícia nunca me levou a sério o suficiente para expressar algo mais além de uma expressão sapeca. — Não, você

não tem culpa, mas não sabe o que está perdendo. Além disso, o nome não faz significar que só existe canjica nordestina no nordeste, tá? — finalizei minha pergunta retórica com um falsete desagradável, já sentindo minha garganta arder logo no início do dia.

Isso vinha ocorrendo com frequência nos últimos tempos, e eu ainda não havia marcado uma consulta com a médica otorrino para checar se estava tudo bem. Já sabia o que ela diria, por outro lado, e usar menos a voz não era exatamente uma solução considerada aceitável por mim, pelo menos não para o resto da vida.

A outra opção a qual a doutora Mariana certamente me incentivaria a aderir seria usar mais a Língua Brasileira de Sinais, que sim, era uma boa solução, mas ainda me dispunha como incomunicável para a maior parte das pessoas, que preferiam as minhas mensagens e palavras pronunciadas em voz alta aos gestos que não compreendiam — e nem tentavam compreender, essa era a realidade. Enquanto eu não marcava um horário para ouvir mais uma bronca da minha médica, todavia, só precisava fazer uma careta engraçadinha para Felícia e continuar a conversar.

— Não tenho habilidades o suficiente para tentar entender você enquanto dirijo, muito menos para te responder da mesma maneira. Você não tem limitações vocais, pode falar comigo — gaguejei rouco e irritado. Hoje consigo perceber o quanto Felícia me queria bem ao ser tão empática em relação a minhas habilidades de comunicação, buscando me incentivar a explorar o máximo de opções possíveis e até mesmo aprendendo a Língua Brasileira de Sinais para me encorajar a usá-la. Naquele momento, porém, eu não conseguia pensar em gratidão, e fui apenas capaz de perceber que a havia tratado com rudeza, buscando logo amenizar minhas palavras diante de seu silêncio chateado. — Desculpa. Obrigado por tentar me ajudar, viu? Não estou bravo com você, é a minha situação que me deixa chateado, ainda mais por ter sido causada por uma besteira tão grande.

— Bom, então pelo menos me permita pesquisar a receita no Google, para eu ter uma ideia do que é... — ela hesitou, voltando a falar em voz alta e olhando para o aplicativo do Waze aberto na tela de seu celular, ainda meio ressabiada. — Ai, Math, de acordo com o Waze vamos chegar com meia hora de atraso no seu seminário. E esses carros não andam! O que está acontecendo com o túnel

Ayrton Senna?

LoveMadonna: Tudo bem, tenho certeza de que a palestrante vai chegar atrasada. Ela também deve estar em um engarrafamento :P

LoveMadonna: PS: Desculpa de novo. Não é que eu prefira mensagens digitadas ou transformadas nessa voz robótica do meu celular a LIBRAS por ter algum tipo de ressalva em relação a isso, tá? Mas já faz cinco anos que tenho essa paralisia nas cordas vocais, Feli, e deu tempo de perceber que apenas uma lei existente desde 2002 reconhecendo a LIBRAS não foi o suficiente para incentivar mais pessoas sem deficiência a usarem essa língua. Isso não é ensinado nas escolas, e só quem conhece e convive com falantes dela, na maioria, tem interesse de aprender. Eu te agradeço muito por isso, mas você não precisa fazer esse esforço por mim. Foi só ontem que me esforcei mais do que devia, e logo minha voz já está de volta, na medida do possível.

Felícia me encarou, espremendo os olhos com contrariedade. Ela estava usando tranças da maneira que eu gostava, e seu vestido xadrez amarelo e branco era complementado por vários acessórios aos quais não prestei muita atenção, a não ser para constatar quão bonita era ela como um todo — o que também era uma ótima desculpa para o caso de mais tarde ela me perguntar se estava usando brincos ou não, com medo de tê-los possivelmente perdido. Não que fosse um hábito meu ser desatento, ou sequer teria me encantado por Felícia, a garota multifacetada em detalhes tão observáveis. Aquele só não era um dia muito bom, acho, ou eu me esqueci dos pormenores com o passar do tempo; mais uma motivação para tal monografia — conseguimos lembrar mais facilmente dos detalhes ruins, e minha zanga despropositada com a gentileza de Felícia se sobrepõe à memória de sua aparência de uma forma irritante que pinica minha memória.

AlguémMeSalva: Tudo bem... Eu só quero o seu bem. Você sabe disso, certo?

AlguémMeSalva: Mas, Math, você já está sentindo dor e ardência na garganta logo cedo? O quanto exatamente você se forçou ontem no trabalho? Você deve estar cansado, podia ter combinado comigo de deixarmos esse seminário pra lá.

LoveMadonna: Não foi nada... Nada que uma canjica nordestina depois dele não

resolva, hehehe. Obrigado por se preocupar comigo :) Conheço um lugar ótimo ali na Vila Olímpia, vamos?

LoveMadonna: Quer dizer, se você já souber o que é canjica nordestina.

AlguémMeSalva: ...

Não era uma novidade daquele dia ela se preocupar com a minha saúde. Consigo me lembrar de estar me divertindo antes daquilo tudo começar, mas a preocupação de Felícia — por mais bem intencionada que fosse — me deixava desconfortável, principalmente quando eu não estava muito bem.

De qualquer forma, aquelas reticências só eram enviadas para mim quando ela estava brava ou frustrada, e nessa situação eu sabia serem as duas coisas juntas. Sendo agora mais presente no meu cotidiano, Felícia percebia o quanto aquele emprego piorava minha saúde. Um passo em falso ou um pensamento sequer sobre rescindir o contrato, porém, fechariam muitas portas para mim no futuro. Eu sabia o que queria, e já imaginava as consequências quando desenhei minha assinatura naquele calhamaço cheio de letrinhas miúdas.

Ora, não me olhe assim, por favor. Eu sabia o que queria porque tinha planos, ou ao menos pensava dessa maneira. Entretanto, agora a situação está quase que completamente mudada: estou aqui para festejar o ano novo com os meus pais, os quais quiseram seguir a tendência da família de se dispersar nessa época do ano — a última festa de virada do ano não terminou muito bem para o tio Fred —, mas também para fugir da minha perspectiva anterior e pensar no que virá a seguir.

AlguémMeSalva: RÁ, o Google me disse que isso não é canjica! É curau, que absurdo! Nunca soube que ele também pode ser chamado de canjica nordestina.

AlguémMeSalva: Ora claro q já comi curau e é ótimo, mas pra mim canjica tem q ter milho branco na receita

LoveMadonna: Cuidado com os seus dogmas alimentícios, Felícia Castella... Canjica pode ser as duas sobremesas, ora. Curau é feito com milho amarelo, e a sua canjiquinha com milho branco :P

LoveMadonna: Já que você nunca comeu um curau pensando que ele poderia ser canjica, ainda acho que podemos comer uma canjica nordestina após o seminário. Quer dizer, se conseguirmos chegar até lá...

LoveMadonna: PS: Pode ser uma torta holandesa também, porque assim posso te contar que ela foi inventada, na verdade, no estado de São Paulo, e não na Holanda, pra aumentar sua sabedoria gastronômica. Quer dizer, se é que você já não sabe disso.

— Tudo bem, eu topo — Felícia disse, tirando seus óculos escuros de lentes cor de rosa da frente dos olhos. Até então eu nunca a tinha sentido tão séria, e já previ que não gostaria do que diria a seguir; só queria que aquele engarrafamento se dispersasse logo, e pudéssemos assistir ao seminário com a promessa de uma boa comida e muitas risadas em subsequência. — Mas, sabe, se um dia você se sentir confortável, Math...

— A senhorita curiosa tem algumas perguntas — imitando Felícia, lembro-me de ter lançado um sorriso resignado para o lado de fora do carro, fazendo um senhor pensar que sorria para ele por acidente. Um detalhe inusitado para uma lembrança que perdurou por tanto tempo quanto esta; pelo menos foi um sorriso. — Não é isso?

AlguémMeSalva: É. Mas vc obviamente não precisa me contar nada se não quiser ou algo assim. Como vc disse, eu sou só curiosa mesmo... E andei tentando pesquisar um pouco na internet sobre os sintomas que vc comenta comigo, mas me senti meio errada de estar fazendo isso sem vc saber, msm q fosse ficar bravo ou chateado.

— Esse seminário é muito necessário para a construção do seu roteiro? — Apertei a base do nariz com o polegar, encarando o engarrafamento sem expressão, e consegui sentir Felícia sentada tensa no banco ao meu lado, esperando pelo que eu diria a seguir sem pronunciar uma palavra. — A gente pode parar naquela loja de conveniências ali e tomar um café, que tal?

— Não é tão necessário assim, pode pegar a próxima saída. Mas café faz mal pra você, então aceito um suquinho.

Lembro-me de ter revirado os olhos, mas logo desanuviei a expressão com um pequeno sorriso. Por mais frustrado e desacreditado que eu estivesse, Felícia estava ali, mostrando para mim que gostaria de me dar apoio com a insistência que lhe é típica. Se eu não reconhecesse o quão gentil e carinhoso eram esses atos de preocupação que ela me dedicava, eu não os merecia.

Não é como se eu guardasse minha paralisia das cordas vocais a todo custo — mas também não saía falando desse assunto por aí, considerando que nunca consegui me sentir totalmente à vontade em relação a ele. No entanto, sentia-me confortável com Felícia por perto: era como se nos conhecêssemos há tanto tempo que situações constrangedoras se faziam irrelevantes, e a conexão a se estabelecer entre nós estalava como um fio elétrico ao berrarmos “Mamma Mia!” em conjunto quando ela entrava no carro para uma carona, como uma válvula de escape para o dia cansativo.

Sua insistência gentil fazia com que eu me lembrasse que era *diferente*, de certa forma: não era minha culpa que eu fosse daquele jeito, mas o cotidiano parecia querer me fazer pensar o contrário. O trabalho exigia que eu me esforçasse ao máximo para ser o mais próximo possível de um padrão de normalidade considerado aceitável, o cotidiano também me exigia isso, e a ilha que era Felícia em meio a todas essas exigências — além da minha própria família — me fazia sentir alvo de uma compreensão que não era merecida por mim.

Não consigo achar justificativas plausíveis para que eu ainda cultivasse os mesmo rancores e medos que me assombraram desde o segundo ano de faculdade. Eu me sentia injustiçado, vulnerável, cobrado em excesso pelo que me cercava; ao mesmo tempo em que minha vontade era me esforçar para fazer com que essas dificuldades fossem sequer cogitadas por um hipotético Matheus do futuro, parecia muito mais fácil evitar todo tipo de situação, boa ou ruim, e assim ir passando meus dias.

Felícia era, em certo aspecto, uma situação — muito boa — que eu não estava buscando evitar. Pelo contrário: eu procurava causar encontros entre nossos trajetos, entremear nossos percursos e poder estar próximo dela o quanto pudesse. Isso era tão diferente da minha conduta habitual que se tornava difícil ceder às suas preocupações, entregar-se aos seus mimos e cuidados e não me preocupar com o seu julgamento, mas com o relacionamento que havia entre

nós, algo que era novidade para mim.

Eu só queria ser um cara simples. E bom o suficiente.

— Felícia, você é impossivelmente cuidadosa comigo.

Descemos do carro, empurrando já com familiaridade a porta de vidro da loja de conveniências.

— Eu sei! — Consigo me lembrar da cena de Felícia Castella saltitando por entre as gôndolas de produtos, balançando a saia de seu vestido amarelo e branco como se nada a afetasse, inclusive meu mau humor. Eu não a merecia, mas naquele momento fiz uma prece para o que quer que regesse nossa teia de coincidências, agradecendo. — Mas, como já disse, me preocupo com você, e é por isso que vou pedir o seu suco de maracujá e o meu frescão para o atendente agora mesmo.

— Achei ótimo o fato de você ter decidido que eu preciso de um suco de maracujá — ri, conferindo de longe se havia acionado o alarme do carro —, mas não sei o que é frescão.

— Ah, tudo bem, por isso eu já esperava — Felícia me dirigiu uma falsa expressão compadecida que não escondia o divertimento no brilho dos seus olhos, posicionando-se na fila do caixa para fazer o pedido.

Após descobrir que o tal frescão envolvia mate gelado — a razão pela qual Felícia não pediu um para mim também, pois continha mais cafeína do que o próprio café, e eu “devia saber disso”, sentamos em uma das já icônicas mesas altas da loja, e tentei me preparar para contar a ela sobre o evento ocorrido em terras paulistas cinco anos antes que havia mudado toda a minha existência. Não era como se já não tivesse tentado me preparar antes para esse momento: a influência que eu sabia decorrente daquele assunto, quando ele fosse exposto, poderia modificar uma série de hábitos e conversas boas que já havíamos estabelecido, e o Matheus de meses atrás temia arriscar derrubar mais essa barreira.

Naquele dia, porém, eu sentia que era necessário, e a iminência inexorável do

que iria contar a Felícia sufocava minha garganta, como se as palavras pudessem se desprender de meus lábios por conta própria, ansiosas para flutuarem no ar que nos cercava. Eu não tinha o controle, e oscilava perigosamente entre um pensamento e outro, como se estivesse sempre em um túnel de vento para um *skydiving* interminável. A todo momento eu buscava me equilibrar, fingir que estava com os pés pousados sobre a terra firme: isso não era verdade, todavia, e expor minhas partes mais vulneráveis à garota que eu amava era como abrir a porta daquele túnel de vento mesmo sabendo que as chances de sair de lá eram praticamente nulas.

Além de mostrar isso a ela, abrir a porta era afirmar para mim mesmo que aquele vento a me desequilibrar soprava apenas naquele túnel, admitir que eu estava preso nele, e, mesmo assim, que tudo iria ficar bem.

LoveMadonna: Acho que vou começar pela pergunta que não quer calar primeiro

AlguémMeSalva: “Matheus, como você arranjou essa paralisia unilateral das pregas vocais?”

LoveMadonna: (Exatamente essa)

Recordo-me de ter mexido meu suco de maracujá como se pudesse me afogar nele, arrependendo-me da proposição de contar a história. Eu gostaria que Felícia soubesse — só não queria reviver memórias ruins. Relembrar os eventos que culminaram na minha paralisia das cordas vocais nunca foi um processo linear: os fatos iam e vinham como borrões, como se também fossem arremessados pelo vento que me sustentava com instabilidade naquele túnel, enevoando minha visão do exterior. Eu tinha medo de pensar demais nisso e me prender demais ao já passado. O que eu não percebia naquela época, entretanto, era que fazia exatamente isso.

LoveMadonna está digitando...

LoveMadonna: Não sei se eu já comentei isso com você, Feli, mas comecei a cursar Química em uma universidade pública próxima da minha cidade natal, Pomerode, “a cidade mais alemã do Brasil”. Recebi muito incentivo do meu

professor preferido do Ensino Médio, o professor Messias, que não só nos ensinou com muita dedicação em sala de aula, mas incentivou todos os seus alunos a colocarem seus conhecimentos em prática, assim como a visitarem sua casa quando estivessem com problemas, fossem eles relacionados ao colégio ou não. Aquele homem meio careca e de sorriso sempre escancarado era meu mestre e mentor, e não ficou nem um pouco surpreso quando adentrei a sala de sua casinha no centro da cidade anunciando que havia passado na prova do vestibular que tanto queria: o professor Messias festejou o acontecimento mais que meus próprios pais, ousou dizer — eles queriam que eu cursasse Direito — e Pomerode nunca viu tanto acarajé, caruru e canjica nordestina quanto no dia do jantar promovido por ele e pela esposa para honrar seus alunos daquele ano com a culinária que traziam em suas raízes. O sonho que ele havia me incentivado a cultivar, porém, incluía a melhor universidade do Brasil, que, por acaso, ficava bem longe da cidade na qual eu havia nascido e crescido. Comecei a cursar Química perto de casa, mas, quando foram abertas as inscrições para uma prova de transferência, lá estava Matheus no ônibus a caminho de São Paulo, achando-se pronto para enfrentar uma das maiores concentrações populacionais da América Latina.

Sorri com escárnio, clicando em “enviar mensagem”, e, sem esperar que Felícia lesse o que eu havia escrito, continuei a contar minha história.

LoveMadonna: Eu não estava pronto, claro. Não passei na prova de transferência, e fiquei mais seis meses em Pomerode, consolado pelas visitas semanais à casa do professor Messias, que recebia seus ex-alunos com o mesmo carinho de sempre e gostava de saber o que andava acontecendo na minha vida universitária. Porém, mais seis meses depois fiz a prova para transferência entre universidades novamente, e recebi o resultado tão esperado três dias antes que meu mestre mais querido fosse vítima de um acidente de trânsito. Ao menos conseguimos celebrar a conquista juntos, mas ele tinha anos de ensino pela frente interrompidos por uma imprudência que não dizia respeito àquele baiano tranquilo o qual sempre pensava muito bem antes de tomar qualquer atitude. Vim morar em São Paulo, me afastando do trajeto de todos os dias bem em frente à casinha do professor Messias, e, apesar da dureza dos primeiros meses, eu estava feliz. Triste por meu antigo professor, é verdade — e isso me dói até hoje, a cena do velório permanece colada no interior de minhas pálpebras — mas não havia nada que se pudesse fazer.

LoveMadonna: A minha nova universidade era realmente tudo o que o professor Messias havia dito. O campus era imenso, os professores fantásticos, e eu havia gostado até mesmo do por vezes temível combo de alojamento e restaurante universitário. As pessoas não eram tão receptivas como eu esperava, mas logo entendi que na capital paulista não se deve esperar simpatia de ninguém, mas inseri-la no dia a dia você mesmo; algumas pessoas retribuem seus gestos, outras nem tanto.

Eu podia sentir a expressão confusa e concentrada de Felícia, tentando entender onde aquelas mensagens **texto** iam parar. Sabia que não era nada conciso, mas queria também que a garota — que parecia ver o mundo sempre através das lentes cor de rosa de seus óculos escuros — entendesse o porquê de minha personalidade ter o mesmo tom que a dela, mas não se manifestar tanto como eu gostaria, mesmo em um ambiente confortável e em uma interação gentil.

O meio não me havia “transformado”: afinal, o naturalismo presente na minha memória havia sido deixado para trás nas aulas de Literatura do Ensino Médio, mas certamente havia deixado suas marcas e influências. Por mais que eu busque sempre lidar com o Matheus que sou todos os dias, essa cicatriz não se cura completamente, e sempre há quem cutuque a carne recém-recuperada, reavivando o que deveria ser relevado como mero componente de mim mesmo.

LoveMadonna: A questão toda, na verdade, se baseou em uma constatação óbvia de pessoas que vivem em um meio social: assim como algumas pessoas apreciam à sua maneira de ser, outras não. E a vida continua, se necessário cada um vai para o seu canto e acabou. Mas eu tinha veteranos que não aceitavam essa última frase que acabei de escrever, e, desaprovando completamente o jeito que me fazia como era, não se conformaram muito bem com o fato de que não podiam fazer nada comigo — eu não era calouro, afinal, só recém-transferido de outra universidade, e já havia passado pelo meu próprio trote.

LoveMadonna: Não sei se você tem conhecimento do que vou mencionar agora, mas parece que é comum quando se participa de um trote universitário enquanto calouro receber uma lista de “atividades” dos veteranos, que pode incluir desde um “carregue meu material” a “invada a aula de Literatura Inglesa e arrie as calças sobre a mesa do professor”. E eu estava incluído na ideia que puseram em prática naquele ano: uma das atividades, descoberta por mim da maneira mais

forçosa e desconfortável, era me pegar de surpresa à noite no alojamento para uma surra. Uma boa surra.

LoveMadonna: Algumas surras deixam olhos roxos, a maior parte causa dores pelo corpo todo no dia seguinte, e todas são humilhantes, qualquer que seja seu alvo. Eu fui acordado com um pano enfiado na boca por um grupo de rapazes mais novos que eu, de olhos esbugalhados de medo, que me carregaram amarrado até um bosque do campus para ser vítima da pior surra que já levei em toda a minha vida. Na penumbra entre as árvores, eu distingui seis rostos que já haviam me cumprimentado com deboche, puxado minhas roupas com desprezo e feito piadas com minha aparência e maneira de agir pelos corredores do instituto, às vezes na presença de professores.

LoveMadonna: Se isso tivesse acontecido e nada mais, eu não teria reclamado, com medo de acontecer novamente, ou ser vítima de algo ainda pior. Antes de ser surrado, sequer pensei em pedir ajuda para um orientador ou algum responsável para remediar o que sofria: se os que já haviam presenciado o mau tratamento que me era dedicado pelos corredores da faculdade nada fizeram, de que adiantaria? Mas não houve outro jeito, porque fui abandonado naquele bosque durante horas, sendo achado pela segurança da manhã que rondava o campus.

LoveMadonna: Sabe, sei que estou expondo todos os piores detalhes aqui, mas os relacionados ao meu estado quando fui encontrado pelo seu José não foram menos desagradáveis; saiba que costelas foram fraturadas, roxos se espalharam pela minha pele como se meus capilares sanguíneos tivessem resolvido festejar, explodindo como fogos de artifício, minha mandíbula estava fraturada e eu havia sofrido algum tipo de lesão cervical, segundo a matéria que publicaram em alguns jornais da cidade em repúdio ao acontecimento.

LoveMadonna: E de repente eu, que não havia buscado a ajuda de responsáveis, estava cercado deles: enfermeiros, médicos, representantes da universidade, que buscavam silenciar o caso na mídia, e investigadores da polícia. Eu estava cercado, mas não conseguia me comunicar com ninguém, e, mesmo depois de as dores irem embora quase que por completo e o meu maxilar estar reabilitado, havia algo com a minha respiração e com a minha voz que o médico não conseguia explicar. Foi a doutora Mariana que me disse que uma lesão cervical

que aquele grupo cheio de ódio havia causado acarretou em uma paralisia unilateral de minhas pregas vocais, e precisávamos fazer testes para descobrir se minha prega vocal estava em adução ou abdução, nomes que me colocavam entre uma eterna dificuldade para respirar bem ou para falar e comer bem.

O tempo parecia ter sido estagnado enquanto eu digitava. Felícia continuava sentada à minha frente, o copo de frescão ainda inacabado largado sobre a mesa. Eu não havia ousado ainda olhar em seus olhos após ter enviado todas aquelas mensagens, mas já previa sua possível reação indignada.

LoveMadonna: Caso isso também estivesse entre suas dúvidas quando você foi pesquisar, minha prega vocal está em adução, mas a doutora Mariana não falou sério quando disse que eu não teria grandes dificuldades para falar, como comprovei nos anos seguintes àquela surra. Acho que você não precisa saber do que aconteceu depois, eu já escrevi demais. Me desculpa. Mas foi por isso.

LoveMadonna: Nesses cinco anos que se passaram já consultei vários médicos e tentei diversos tratamentos, mas nenhum conseguiu me recuperar verdadeiramente.

AlguémMeSalva está digitando...

Parece uma tendência seguida por todas as lojas de conveniência de postos de gasolina o hábito de obstruir quase a totalidade de suas paredes de vidro com anúncios das promoções da semana, e foram estes que me ocupei de observar enquanto esperava uma reação por parte de Felícia.

Relaxe em um suspiro de alívio, finalmente satisfeito por ter libertado toda aquela história presa na minha garganta. Eu me sentia mais leve, e descobri que derrubar aquela barreira não foi tão ruim assim: por pior que fossem as palavras que havia despejado, Felícia sabia agora a origem de toda a acidez que eu sentia borbulhar dentro de mim a me corroer.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: O grupo de veteranos foi indiciado, mas até hoje não sofreu as consequências do que fez. Os jornais retiraram as matérias escritas sobre o

acontecimento devido a uma petição feita pelo advogado de um dos meninos veteranos, e a grande mídia nunca mais falou sobre isso. Eu não estudei na mesma universidade que você, mas era quase uma veterana na época em que as notícias incendiaram a polêmica dos trotes universitários e da violência no campus. Não foi isso que aconteceu depois?

Olhei para ela, atônito. Entre todas as possibilidades que eu havia estabelecido para sua reação, aquela não correspondia a nenhuma, e senti a realidade daquela mensagem sucinta a me atingir como um dos socos na garganta que levei naquele dia. Senti meus olhos arderem, e a expressão preocupada de Felícia tremulava através de uma camada de lágrimas não derramadas que os cobria.

— Foi — respondi, falando em voz alta pela primeira vez desde que havíamos sentado àquela mesa. Minha voz era apenas um fiapo.

— Eu me lembro da notícia — Felícia tinha a voz embargada, e finalmente mirei seus olhos, que pareciam prestes a transbordar de lágrimas a qualquer momento assim como os meus. Ela se debruçou sobre a mesa, procurando minha mão com a sua, e o beijo úmido que depositou em minha bochecha me fez efervescer por dentro de uma maneira completamente diferente de quando realizou aquele gesto pela primeira vez, quando nos encontramos: agora, eu não só me sentia bem. Eu me sentia amado. Com ela ali, tudo podia sim ficar bem.

VII

AQUELE COM A TORTA HOLANDESA

A teia de coincidências da qual tanto falo é enganosa: quando menos se espera estar livre, ela mostra seu poder ainda mais consolidado, e nos vemos conectados a elementos impossíveis, implausíveis, completamente inesperados. Quando Felícia imaginaria que no futuro estaria a me abraçar com todas as forças de seus braços? Quando eu imaginaria que poderia sentir o salgado de suas lágrimas em minha bochecha, e que todas as palavras omissas entre nós após aqueles momentos seriam mais verdadeiramente reparadoras das consequências sofridas por mim do que qualquer inquérito realizado *em nome da justiça*?

Eu não sabia o que aconteceria a seguir quando enviei a primeira mensagem para Felícia — eu não sabia explicar com racionalidade o porquê de ter me preocupado com um motorista desconhecido. Analisando hoje, penso nos elementos que me formam como o Matheus que sou, e percebo ter feito o que desejava que tivesse ocorrido com o professor Messias: ajuda. Ainda que tenha sido da maneira que pude oferecer, e o acidente sofrido por Felícia fosse bem menos grave que o de meu antigo mestre — e ainda bem —, meus pensamentos estavam concentrados em ajudar.

Mal sabia eu que a pessoa a me ajudar seria ela: não pelo acidente de momento, não para reparar as minhas dores. Felícia me ajudava simplesmente por estar ligada a mim. Ela era caleidoscópio que fascinava em todas as suas recombinações de elementos, ela era conforto, ela era ao mesmo tempo tão resistente e tão delicada que protegê-la se tornava imperioso: não para resguardá-la em uma bolha de cuidados, pois disso a moça sentada ao meu lado em seu vestido amarelo era liberta de forma inequívoca, tendo estourado tal

bolha ela mesma antes que eu pensasse em fazê-lo com a minha própria. Eu sentia que devia protegê-la do que lhe ardia na alma sem necessidade, pois sua empatia não era abrangente apenas aos que lhe cercavam — Felícia possuía a capacidade de se condoer com qualquer situação ruim, carregando as más energias de notícias que sequer lhe diziam respeito.

Eu queria poder estreitá-la em meus braços para sempre, costurá-la em meu peito, entrelaçar seus fios com os meus de forma que confundissem até mesmo a nós dois. Eu queria...

— Um curau. Acho que nós totalmente precisamos de um curau agora — Felícia disse, procurando esconder que enxugava a umidade dos olhos de forma furtiva em uma ação despropositada, mas não menos adorável.

— É isso o que você quer, um curau? — E, naquele instante, lembro-me de ter sorrido com vontade, acariciando sua bochecha macia com o polegar. Se não fosse um ato violento dos mais malucos, eu poderia morder uma daquelas bochechas de tanto carinho que nutria por aquela moça tão doce que sabia me fazer sorrir e cantava ABBA melhor do que ninguém.

— É. Você não quer? — Ela fungou, permitindo-se sentir o carinho por alguns segundos, antes de se levantar e pegar sua bolsa pendurada no encosto da cadeira. — Fiquei curiosa para conhecer o lugar do qual você tanto falou.

“Eu quero é um abraço seu, Felícia.”, gesticulei em LIBRAS e toquei seu antebraço, como se pedisse permissão para puxá-la para mais perto. Após alguns segundos com os olhos espremidos em uma careta de incompreensão adorável, repeti o gesto de abraço, trazendo uma faísca de conhecimento aos seus olhos.

Era Felícia quem mais possuía mecanismos de falar entre nós dois, considerando nossa constituição física. Ela, todavia, pouco demonstrava muito apego pelas palavras, sendo uma pessoa de atos: Felícia aprendia LIBRAS, apresentava-me seus filmes e músicas favoritas, estava sempre disposta a conversar e se preocupava com a minha saúde, mas pouco falava sobre como estava se sentindo.

Seu abraço era entrega, porém, e mesmo que eu sentisse falta de um contraponto

às minhas frases sentimentais, nele — e na própria Felícia — estavam contidos frases e versos os quais eu jamais poderia ordenar e elaborar. E, naquele momento, tudo o que eu pedia era para ser enlaçado naquele emaranhado de carinho, conforto e tranças desgrenhadas.

“*Pronto, o lugar é ali à direita*”, sinalizei com rapidez, torcendo para que ela tivesse entendido em um misto de empolgação e carinho. Usar a LIBRAS com alguém tão próximo que não fosse parte da minha família ainda era algo novo na minha rotina, e a cada vez que alternávamos entre o português e a Língua Brasileira de Sinais uma sensação boa se espalhava por mim.

— Tem uma vaga para o seu carro do lado oposto da rua, em frente àquela barbearia. — Felícia quicava sobre o banco do carro, animada. — Obrigada por me trazer aqui, Math. Na verdade... — ela anuviou a expressão, repentinamente séria. — Obrigada por tudo que fizemos juntos, desde o *Hanamatsuri* até esse lugarzinho inusitado de canjica nordestina. Você é uma das melhores pessoas que conheço, sabia? Não sei exatamente o que motivou nosso encontro em meio a tantos carros daquele engarrafamento, mas obrigada por ter enviado aquela mensagem.

Felícia sorria com singeleza, e quis capturar aquele momento para sempre em minha memória. Não consigo garantir o “para sempre” desejado, penso eu, mas mesmo agora, encarando apenas o mar escurecido pela noite, consigo imaginá-la sentada no banco do passageiro do meu carro, com as tranças desfeitas e as bochechas levemente coradas pela declaração repentina, escondendo as mãos debaixo das coxas e fazendo um muxoxo de timidez.

Ela encantava quem quer que fosse e a senhora atrás do balcão se mostrou chateada ao dizer que o curau havia acabado naquele dia.

— Olha, tem torta holandesa — apontei.

— O terceiro melhor doce da culinária brasileira é a torta *holandesa*, segundo ele — ela soltou uma risadinha para a senhora, que balançou a cabeça em negativa, sorrindo, e cortou dois pedaços do doce para nós.

LoveMadonna: Ora, mas é verdade! Pode pesquisar na internet para você ver, o primeiro resultado que aparece é uma entrevista com a criadora da torta

holandesa, explicando como começou a vender o doce em Campinas, aqui no estado de São Paulo.

AlguémMeSalva: Felícia está ocupada demais saboreando essa delícia para se ater a fatos como este. Ligue mais tarde.

— Sua danada, eu estou mandando mensagens! Além do mais, não sou uma companhia de telemarketing — Lembro-me de ter roubado um pedaço da torta de Felícia em retaliação, recebendo uma expressão ultrajada em resposta. Ela não pôde dizer nada, entretanto, porque estava com a boca cheia, e parecia o esquilo mais simpático da confeitaria.

— Ei! Vou prestar queixa desse roubo — ela reclamou, estendendo o braço sobre a mesa para comer uma garfada do meu pedaço de torta. — Não sabia que telemarketing histórico era tão agressivo.

— Telemarketing histórico? — perguntei, rindo. Eu me refreava, às vezes; afinal, como Felícia iria interpretar uma verbalização de minha parte dizendo que ela estava parecendo um esquilo? Não consigo pensar nas minhas razões de fazê-lo, contudo, diante do que consigo me lembrar dos nossos diálogos. Íamos de arte etrusca a telemarketing histórico com naturalidade, em uma conversa que poderia durar dias sem interrupção formal.

— Olá, bom dia! — começou a menina, forçando uma voz grave de locutor de rádio para mais uma palhaçada. — Você estaria interessado em saber mais sobre Marie Gouze, a autora da razoavelmente desconhecida Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã? É absolutamente grátis, mas, se você recusar, será parcialmente subtraído do seu bem alimentício mais próximo! Quem sabe também seja interessante aprender mais sobre a história da torta holandesa! — Ela esbugalhou os olhos, falando depressa.

LoveMadonna: Felícia, eu já disse isso, mas alguém já te disse que você é uma piada?

LoveMadonna: Se continuarmos nesse ritmo, até os 30 terei muito mais rugas que o previsto. Mas tudo bem, porque serão rugas de tanto rir com você, o que implicará passar bastante tempo em sua ilustre companhia.

AlguémMeSalva: Não nego a responsabilidade atribuída a mim no que se refere às suas futuras rugas de expressão

AlguémMeSalva: Não que eu me ache a engraçadona, mas coisas esquisitas acontecem cmg. Eu já te contei do dia q fui atingida por uma ave?

“*Não!*”, cobri a boca com a mão, preferindo usar a LIBRAS a verbalizar minha exclamação, comendo a última garfada de torta e já prevendo que riria da história que viria a seguir “*Conta!*”.

— Bem, eu estava andando pela orla da praia no ano passado em um dia meio cinza, com o meu pai, e nós estávamos conversando — ela pousou o garfo sobre o prato, gesticulando enquanto falava. Ouvi-la contar histórias era como assistir a uma peça de teatro particular: Felícia se animava, gesticulava e imitava a voz e a maneira de ser das pessoas de um jeito único, e o mais banal dos acontecimentos era pincelado por seu humor. — Eu estava contando a ele algum acontecimento com uma colega do trabalho, e balancei a cabeça para os lados, arregalando os olhos para imitá-la. Nós estávamos rindo quando ouvi um farfalhar vindo do alto, e, de repente, um pássaro escuro meio voando, meio se debatendo, começou a cair na direção em que estávamos, já bem próximo. Eu levei um susto e fechei os olhos, me debatendo também, e soltei um grito.

Ela fez uma pausa, o silêncio repentino do diálogo tenso de suspense.

— E aí? — perguntei, curioso.

— Não vi nada, mas consegui sentir as penas encostando em mim. Nem meu pai viu a ave direito, segundo ele, mas toda a situação chocou uma mulher do outro lado da rua, que ficou nos encarando espantada até eu me recuperar e continuarmos andando — ela riu, fazendo uma careta de horror, e eu ri junto.

Em que hipótese eu acharia engraçada uma história de pássaros de voo desgovernado? Não sei elencar outras situações, mas a encenação de Felícia tornava todas as histórias mais divertidas. Ou, talvez, eu simplesmente estivesse apaixonado.

— Acho que essa é a primeira vez que você me fala do seu pai — comentei, fechando a porta do carro. Não queria já deixar Felícia em seu apartamento, mas

nada mais havíamos combinado, e eu sabia que ela tinha de terminar o roteiro que escrevia o quanto antes.

— Ah, eu não costumo ficar falando tanto sobre ele — ela comentou, despreocupada, afivelando o cinto de segurança. — Meus pais são divorciados faz alguns anos, e ele ficou meio desamparado após o processo de separação. Minha mãe é dominadora demais, mas papai sempre me apoiou em tudo e tenta manter o máximo de contato possível, me ajudando sempre quando dá. — Felícia sorriu. — Ele é engenheiro aqui em São Paulo, e foi quem me incentivou a continuar escrevendo e a cursar Letras e Jornalismo.

LoveMadonna: Ele te ajudou a encontrar seu caminho, então :)

AlguémMeSalva: Math, não é por nada, não, mas falando em caminho...

LoveMadonna: Ai, não

LoveMadonna: O que eu fiz para conseguir nos meter em um engarrafamento mais uma vez?

— Talvez seja um evento arquitetado pela sua teia de coincidências pra eu poder falar mais sobre mim, assim como você faz — Felícia opinou, brincalhona, remexendo distraída no conteúdo de sua familiar bolsa de palha.

— Pode até ser. — Cutuquei seu ombro com delicadeza. — Mas, ei, não precisa me contar nada se não quiser, Feli. Não precisa vomitar forçadamente o que não quer falar como algum tipo de “retribuição” por tudo que já te contei ou sei lá — esclareci, embora, naquele momento, o que eu mais quisesse era saber tudo. Já estávamos saindo há três meses, afinal. — É que me sinto confortável quando estou com você.

— Ora — ela riu, parecendo meio constrangida, e eu queria poder beijá-la ali mesmo. — Nem sei bem o que dizer diante disso. Hm, obrigada por se sentir confortável?

LoveMadonna: Obrigado por ser uma pessoa tão boa :)

Ela sorriu para mim, fazendo um meneio de cabeça como se negasse o que eu havia dito. Se ela soubesse quão feliz e encantado me deixava, não negaria nada.

— Sabe, acho que eu não falo tanto sobre mim porque não sinto muito orgulho do que faço — ela começou a desabafar, e, respondendo a um movimento indignado meu, ergueu a mão, me impedindo de tomar a palavra. — Não, calma, não diga nada. Só pela sua cara já sei que você vai ficar todo indignado, dizendo que meu trabalho é ótimo e que eu deveria me orgulhar sim, etecetera etecetera. Não é?

— Exatamente isso! — me exaltei, quase sem fôlego, desejando poder ser capaz de mostrar a Felícia como ela era através dos meus olhos. Não havia nada de mal nisso, mas meses atrás eu não conseguia perceber que, muitas vezes, não adianta muito a sua boa opinião acerca de alguém que não está se sentindo bem; a menina multicolorida precisava ser capaz de descobrir seu próprio caleidoscópio interior.

— É que você me quer bem, ou pelo menos acho que sim. — Ela fez uma expressão divertida, e bufei de indignação, brincando. — Mas é que, mesmo tendo escolhido fazer o que fiz, minha mãe guiou todos os meus passos. Continuo no meu primeiro emprego desde que me formei, e adivinha quem conseguiu a vaga para mim?

— Mas você gosta de trabalhar lá, e sempre se diverte escrevendo seus roteiros. Que são muito bons, aliás. — O congestionamento começou a ser liberado, e mudei a marcha do carro, acelerando por alguns metros.

AlguémMeSalva: Matheus, você nem gosta de assistir novela. Nem eu.

Lembro-me de ter permanecido em silêncio, concentrado no caminho. Eu queria poder ajudar Felícia de qualquer maneira, colocar à frente de seus olhos as lentes cor de rosa com que a enxergava a todos: ela não as usava em si própria na maioria das vezes. Reforçar o que tantas vezes eu já havia dito naquele momento, porém, não a ajudaria em nada, e busquei respeitar seu momento.

AlguémMeSalva: É um clichê colossal o que vou dizer, e me envergonho um pouco de tagarelar tanto sobre isso. Eu não fui marcada por nenhum grande

acontecimento como vc, ou batalhei muito para construir o que tenho hoje

AlguémMeSalva: Muito pelo contrário

AlguémMeSalva: Vc é sempre impaciente com engarrafamentos, Matheus, mas sabe que eu procuro não me afetar, tentar fazer o que gosto qnd dá, da maneira que posso, ouvindo minhas músicas do ABBA no carro e tentando não me estressar com a situação, porque sei que de nada adianta. O engarrafamento está ali, e não será a minha pressa uma motivação relevante pras pessoas ao meu redor andarem mais depressa.

AlguémMeSalva: Percebe como eu só me encaixo nas lacunas que se apresentam, esperando uma ação partindo de alguém (do Universo, das pessoas, do semáforo) pra agir? Escolher minhas faculdades foi o meu ápice de “rebeldia”, mas no geral sou sempre uma pessoa que segue o fluxo. Que espera outra pessoa agir pra então tomar uma atitude em retribuição. Isso não é ruim, não é algo que particularmente me frustra a todo momento e nunca me levou a nada ruim. Por isso q é clichê colossal, é reclamação à toa, porque estou me lamuriando de barriga cheia. Mas, por outro lado, não amo o q faço. Eu me divirto, mas sem seguir oportunidades de coisas que realmente quero fazer.

Eu havia aberto o aplicativo do Waze no celular, traçando uma nova rota para o apartamento de Felícia, e levei alguns segundos para ler sua última mensagem, esperando um semáforo se fechar — logo eu, que detestava aquela luz vermelha me impedindo de prosseguir — para abri-la rapidamente, sem sequer dirigir um olhar a ela. Tenho certeza de que o Matheus do passado diria “Segurança em primeiro lugar” ao não me distrair no celular enquanto dirigia, mas era uma emergência, e você vai ver o que aconteceu a seguir.

LoveMadonna: Felícia, nenhum sentimento seu é bobagem. Você quer fazer alguma coisa e está com medo?

As lágrimas dela deslizavam sobre suas bochechas — que eu sabia serem tão macias — sem que ela emitisse um som sequer. Tendo esperado por alguns segundos que ela digitasse ou dissesse algo olhando para a tela do celular, espantei-me ao erguer os olhos e vê-la chorando daquela forma tão doída e silenciosa.

E, naquele mesmo instante, o sinal ficou verde de novo.

VIII

AQUELE COM
OS VASOS DE
MANJERICÃO

Felícia tinha razão: eu detesto engarrafamentos. O acúmulo de carros deslizando pela pista com a vagarosidade que lhe é característica — ou pior ainda, imóvel — me impacienta. Quantas coisas melhores eu não poderia estar fazendo nessas horas passadas preso ao cinto de segurança, colado ao volante, muitas vezes gastando mais tempo no percurso do que no lugar ao qual me dirijo?

Mas ela havia me acalmado. Estar em um engarrafamento em sua companhia não mais era um sinônimo de fastio e desânimo, e, se tudo desse errado, sua *playlist* do celular ainda poderia tornar a situação melhor. Descobri que berrar mentalmente as letras de *Dancing Queen* e *Don't Stop Me Now* ajudava a jogar minhas frustrações para fora, misturadas ao gás carbônico dos escapamentos. Embora eu não pudesse falar tanto quanto gostaria, nossas conversas preencheram meus dias e as tantas horas perdidas nos engarrafamentos.

Contudo, mesmo pensando tanto sobre isso, minha própria vida permanecia estagnada no que se poderia definir como engarrafamento. Antes ainda de ser a vítima sobre a qual Felícia leu nas notícias de jornal, o Matheus que eu era manobrava seu veículo para entrar em cada brecha possível, costurava os carros ziguezagueando entre as pistas e buscava ir o mais longe que pudesse — mesmo não sabendo exatamente onde gostaria de chegar. A lentidão da massa caótica de metal e plástico formada pelos veículos havia conseguido me contagiar paulatinamente, e a cada dia eu pensava uma vez mais se o que eu estava fazendo valia a pena.

Meus pais estavam, apesar de tudo, orgulhosos, e do seu escritório de advocacia em Pomerode me ligavam para dizer que valia a pena; assim como um desfile familiar de parentes distantes e próximos advindos das menores e mais pacatas cidades do estado de Santa Catarina, admirados com o “Tetê” e o primo Rodrigo, morando na cidade mais caótica, mais impressionante e mais populosa do Brasil. Nenhum deles perguntava como eu estava, mas como era *estar onde eu estava*. A solução judicial fornecida pelos meus pais e os médicos consultados pela família para a minha recuperação eram o suficiente, de acordo com o que pensavam, e lá estava eu e Rodrigo, formando com Júlia, minha irmã, um trio do que chamávamos de verdadeira família: uns apoiando os outros sempre.

Eu me orgulho muito dela. Mesmo em Brasília, cidade da qual minha saudade reclama por ser longe demais, e mesmo seguindo a área profissional dos nossos pais — a qual eu não compreendo e nem tenho interesse por compreender — Júlia é feliz. É a minha irmã passarinha que brincava descalça na rua e amava os *apfelstrudels* com seus olhinhos infantis cobiçosos toda vez que passávamos em frente à confeitaria da cidade no caminho para a escola. É a advogada determinada e bem-sucedida que vejo quando ligo a televisão, opinando sobre casos mirabolantes que se arrastam por anos no aparelho judiciário brasileiro, e é a irmã preocupada que me manda mensagens e liga todos os dias, compartilhando entre risadas e reclamações como é seu cotidiano. Seu conforto e apoio me ajudaram a não desistir do curso de Química, e sua maneira única de viver — muito diferente da que demonstra nas entrevistas para a TV — me lembra muito o jeitinho de Felícia. As duas juntas seriam um verdadeiro furacão e o motivo de muitas risadas, e sou muito grato pela presença de ambas e de Rodrigo na minha existência.

A minha frustração não tinha nada a ver com as pessoas que me amavam. Era sobre mim mesmo, e sobre o que eu podia, queria e não conseguia fazer. Era sobre estar estagnado e sem voz em uma situação a qual me condicionava a olhar sempre à frente, para o destino, mas não para o caminho. Essas pessoas, porém — e por vezes sem sequer perceber —, mesmo não sendo tão mais experientes que eu, ensinaram-me a olhar para o trajeto. E além: para o que me cercava.

Um engarrafamento não é um acúmulo dos metais, tecidos e plásticos que formam os automóveis atravancados em uma via pública: cada um desses veículos está conectado por uma infinidade de fios elaborados por cada um que

os ocupa. Eles não são simples obstáculos de percurso — e que falta de empatia considerar assim um ser humano —, mas influências em nós mesmos, por menores que sejam.

É a senhora passando pela calçada e colocando um ramo de ipê no chapéu, o senhor que sorriu para mim no engarrafamento e a menina pequena sendo ninada no colo da mãe que observei uma vez com Felícia. Esses fios podem ser mais ou menos tesos, e, quando tensionados, trocam padrões como o caleidoscópio dos olhos da moça que ocupa meus pensamentos e é a principal motivação da minha monografia: sem ela, talvez eu nunca tivesse olhado ao meu redor.

E essa é uma contradição que não se explica: como Felícia atrai minha atenção apenas para si se consegue ao mesmo tempo abrir meus olhos para a completude dos arredores? Seja em um festival de cultura japonesa ou na mediocridade da Rua Boa Vista, vendo através do seu olhar eu notava os detalhes, as peculiaridades de cada ação mínima influenciadora da teia de acontecimentos que nos envolve. Eu podia dizer que o tema principal de minha monografia é o estudo das coincidências produzidas por essa conectividade que nos liga a tudo à nossa volta, e não poderia estar definindo melhor meu propósito inicial. No entanto, admito ter sido desviado pela distração mais bem-vinda daquele entardecer de sexta-feira: Felícia Castella.

Ela é encanto por onde quer que passe. Ela encantou meu primo Rodrigo, a senhora da confeitaria, a vendedora de **guiozas**, o garçom do rodízio japonês que provamos no mês retrasado e o atendente do posto de gasolina. De tanto prender sua atenção aos detalhes dos outros, todavia, mergulhando em toda e qualquer minúcia exposta que lhe apresentam, a garota se esqueceu de si, e, habituada a ver as qualidades alheias, analisou o que era e não gostou do que sentiu. Felícia derramava aquelas lágrimas como se estivessem represadas há muito tempo, como se não achasse certo mostrar a quem a observava nada mais além de sua personalidade contagiante e cheia de vida.

LoveMadonna: Oi

LoveMadonna: Você tem certeza de que não precisa de ajuda? Porque acabei de parar na loja de conveniências do posto aqui perto.

Felícia afastou os cabelos do rosto, a expressão de choro confusa após ler as minhas mensagens, tão parecidas quanto consegui digitar com as que mandei em nossa primeira conversa, após ela ter seu carro danificado no engarrafamento de meses atrás. Eu havia mesmo encostado o carro nas vagas de estacionamento da loja de conveniências do primeiro posto de gasolina que encontrei, desesperado para consolá-la e confortá-la — sem causar outro acidente, de preferência.

Após se situar, ela me dirigiu um pequeno esticar de lábios, ainda com os olhos transbordantes de tristeza e pesar.

LoveMadonna: Felícia, eu já disse isso, mas direi mais uma vez: você não precisa e não tem a obrigação de me contar nada que não queira. Porém, preciso que você me faça um favor muito importante.

AlguémMeSalva: O quê?

Ambos tínhamos as cabeças baixas, digitando no celular, tão próximos que bastava um erguer de mãos para que estivéssemos encostados. O silêncio das mensagens escritas era familiar, e dizia por extenso tudo o que eu pensava, sem que fossem necessárias pausas para respirar ou falhas na minha pronúncia das palavras.

LoveMadonna: Não se esqueça de que embora eu seja muito tagarela, estou sempre aberto para te ouvir. Quero poder te ajudar no que for necessário e no que eu puder. E não é uma mera retribuição pelo que você fez e faz por mim, Feli, porque esse tipo de coisa não é mensurável. É a gratidão que sinto por você misturada a todo o carinho que nutro por esses olhos agora tão cheios de lágrimas e por essa essência tão boa que você espalha por onde quer que vá.

LoveMadonna: Se você estiver precisando de ajuda ou de uma conversa sobre o que está te deixando tão triste, estou aqui. :)

— Sabe o que é, Math — a sua voz de choro fez estremecer cada célula do meu corpo, fazendo com que eu desejasse com todas as minhas forças ser capaz de expelir sua tristeza e resolver o que quer que fosse para deixá-la bem. — Um professor titular de uma cátedra da UNAM, a melhor universidade do México, se interessou pela minha tese. Ele conseguiu um convite para que eu fosse até lá

iniciar um projeto de pesquisa no final do ano.

Lembro com clareza de ter esbugalhado os olhos em uma reação surpresa, não conseguindo compreender bem qual era o mal naquela oportunidade. Felícia era mais que merecedora, não?

— E qual é o problema nisso, princesa? — perguntei, procurando sua mão com a minha, entrelaçando nossos dedos frouxamente com um carinho.

— Nenhum. É a oportunidade perfeita, e eu nem sou tão merecedora dela assim — Felícia parecia brava consigo mesma, atropelando suas palavras e franzindo o cenho. Eu, lerdeando, apenas naquele momento começava a ter uma ideia do que deveria estar se passando com a menina do vestido amarelo. Prevendo o que diria, busquei me antecipar, em uma tentativa de poupar seu desconforto de se explicar.

— Você está com medo de desistir da segurança na qual se encontra agora, ir contra a sua mãe e alguma coisa dar errado. É isso? — Busquei escolher minhas palavras com cautela, usando a mão que não estava entrelaçada à sua para enxugar uma lágrima que escorria por sua bochecha e fazer um carinho em seu rosto.

AlguémMeSalva: É isso. E não é uma grande besteira? Eu devia ter ficado quieta

LoveMadonna: O que exatamente você precisa fazer para ir ao México?

Felícia havia soltado a minha mão para digitar e afastado o corpo em direção à porta do carro, como se eu a estivesse pressionando, desconfortável, e cogitei encerrar aquele assunto, trazendo a leveza de volta à nossa conversa com alguma palhaçada. Mas eu a amava — e amo —, e naquele momento, aos meus olhos, isso significava tentar ajudá-la no que estivesse ao meu alcance. Não importava o quão desestabilizado eu estivesse pelo meu próprio túnel de vento: sua porta já havia sido aberta para Felícia, e eu queria estender a mão mesmo estando lá dentro, pronto para equilibrá-la o máximo que pudesse.

Só dias depois naquela semana, conferindo com Felícia se sua carteira de

vacinas estava completa para que ela pudesse viajar, é que me dei conta da distância que nos separaria a partir do momento que seu avião decolasse. Aquela ciência ardeu na base da minha garganta como se eu tivesse comido novamente uma enorme fatia de berinjela sem que ela fosse deixada de molho na água com vinagre, assim como naquela noite em que dissemos o nosso primeiro “eu te amo”.

Nós estávamos em sua pequena varanda, cercados por seus vasos de berinjela e manjerição, após o jantar. Seu pai havia ido embora há algum tempo, e conversávamos apoiados na balaustrada da varanda, assim como no final daquele sábado do *Hanamatsuri*. Ventava frio, e ela estava envolvida por um casaco enorme que a deixava ainda mais adorável e me fazia querer protegê-la de tudo. E enchê-la de beijos, é claro.

— Meu pai oficialmente te adora. — Felícia sorriu, erguendo o braço para fazer um carinho meio sonolento em minha bochecha após um momento de silêncio. Ela estava recostada em meu peito em um abraço tão bom que mesmo que o dia tivesse sido longo, nenhum de nós queria se despedir, como sempre. Pelo menos eu não queria.

“*Claro, eu sou ótimo*”, inclinei-me um pouco para trás, em direção à luz, para que ela pudesse entender o que eu dizia em LIBRAS, sorrindo em uma falsa pretensão “*Ele é um dos melhores adultos que já conheci. Quero ser assim como ele.*”.

— Engraçadinho como ele? — Ela hesitou alguns instantes para pensar, dizendo em LIBRAS “*Isso você já é*”, mal conseguindo gesticular, enrolada como estava, feito um burrito mexicano. Eu já mencionei que Felícia estava linda?

— Não — respirei fundo para falar, aproximando-me dela. — Um cara gentil. Engraçado, sim, satisfeito com o que faz e ainda pai de uma mulher incrível. Sabe, Feli, não sei de onde você pensou que era uma boa ideia passar aquele seu sábado comigo no *Hanamatsuri*, mas que *ótimo* — enfatizei. — que você teve a ideia de me convidar. Cada berinjela, cada palhaçada, cada música, cada pequeno hábito seu que veio depois disso me fascinam de uma forma que você nem imagina, eu acho, e não sou bom o suficiente para tentar explicar — sorri com a minha voz falhando. — A roteirista aqui é você.

Felícia não parecia estar esperando por aquilo, mas retribuiu meu sorriso, inclinando a cabeça para trás a fim de me observar melhor sob a luz fugidia do lustre da sala, que atravessava a cortina e caía em cheio sobre o meu rosto, deixando-a contra a luz. Ela era toda feita de sombras, e eu só conseguia ver o reflexo do brilho de seus olhos e uma sugestão da curva de seu sorriso. Ficamos ali, observando o caos noturno de São Paulo, suas buzinas e faróis em meio à escuridão da noite. Mesmo com aquele vento gelado, abraçando-a eu me sentia inabalável, como se fosse capaz de fazer qualquer coisa para que ela sempre pudesse encontrar abrigo em meus braços.

— Sabe, eu também não mudaria nadinha. Você pode dizer que eu sou a roteirista, mas algo com que não tenho muita habilidade é no que diz respeito a roteirizar minha própria vida — ela quebrou o silêncio, inclinando-se para frente e se aconchegando mais no abraço, beijando um ponto atrás da minha orelha que sempre me deixava todo arrepiado. E ela sabia disso. — Em relação a nós dois, por outro lado, eu não seria capaz de imaginar nem nos meus ímpetos criativos mais loucos esse conjunto de circunstâncias que fez você estar aqui hoje — riu.

Fez-se um silêncio agradável de satisfação, e estendi uma mão em direção ao seu rosto, usando o tato para sentir seus traços.

— Que bom que estou — sussurrei, hipnotizado por ela. — Já te disse hoje o quão bonita você é?

— Para — ela soltou uma daquelas risadinhas que eu amava, fingindo se esconder no meu abraço e em seu casaco enorme. — Você tá falando isso porque estamos nesse escurinho aqui.

— Você sabe que isso não é verdade — repliquei, tocando a ponta de seu nariz com meus lábios carinhosamente. — Thomas Edison não criou a lâmpada para eu te dizer mentiras, mas devo dizer que o projeto dele só fez com que a gente fosse compelido a trabalhar mais horas no dia. Porque a Felícia que eu conheço é linda no claro e no escuro. Eu a amo no claro e no escuro, também.

E assim como consegui agir com uma relativa normalidade trocando mensagens com Felícia antes de realmente encontrá-la naquela sexta-feira, dizer que a amava pareceu tão natural e tão puro que um sorriso lento se espalhou

involuntariamente pelo meu rosto. Mesmo que agora eu devesse ser metuculoso em relação a que e como eu falava, aquelas palavras pareciam clamar por serem ditas sem nenhuma economia de frases, em todas as línguas que eu conhecia.

Eu amava Felícia. Eu ainda a amo.

“Também amo você, e muito” ela se afastou um pouco para gesticular e então beijou os meus lábios com a doçura que só ela tinha. E ficamos ali, sorrindo um para o outro, para o céu escuro sem estrelas, e para aquilo que sentimos.

Foi após isso, é claro, que o desenrolar dos acontecimentos e dos novos fios que tecemos à nossa volta me levou ao fatídico dia sete de dezembro, em que tudo como conhecemos finalmente chegou ao fim.

AQUELE COM O GUACAMOLE IX

LoveMadonna: Ei, Feli

LoveMadonna: Onde você guarda seus pregadores de roupa?

— Fico lisonjeada por você achar que meu apartamento é tão grande a ponto de que eu não pudesse te ouvir se você me chamasse estando na área de serviço — Felícia respondeu, inclinando o corpo no vão da porta da cozinha enquanto amarava um avental na cintura. — Os pregadores de roupa estão naquela cestinha de palha ali embaixo do tanque, Math. — Apontou, sorrindo. — Obrigada pela ajuda.

Ela embarcaria para a Cidade do México na noite seguinte, e é claro que deixou para arrumar suas malas em cima da hora. Eu duvidava que ela se lembrasse de levar ao menos metade do que precisaria para passar seus três meses iniciais na UNAM, a Universidade Autônoma do México, caso eu não a estivesse ajudando. Revirei os olhos, sorrindo, e comecei a pendurar as roupas úmidas em seu varal conforme as tirava da máquina de lavar.

Os meses passados desde a conversa que se seguiu às lágrimas de Felícia derramadas naquele dia, em meu carro, pareciam ter feito muito bem à moça bonita que eu havia amado à primeira mensagem sarcástica: não foi uma transformação repentina cinematográfica proporcionada por uma fada madrinha, mas uma gradação que envolveu uma série de fatores que agora compunham ainda mais cristais coloridos em seu caleidoscópio, construído por ela mesma. E eu me sentia grato por estar por perto conforme o tempo passava e Felícia permitia.

Foram longas conversas com sua mãe e dois ou três jantares com o seu pai — e em um deles eu estava presente, sem nenhuma tiara com orelhas de coelho na cabeça dessa vez. Foram vários festivais japoneses frequentados e algumas feirinhas de rua que encontrávamos por acaso ao fugirmos de engarrafamentos, um evento literário no qual quase passei uma rasteira involuntária em um dos maiores quadrinistas brasileiros e uma visita não planejada ao Museu da Matemática. Na verdade, muito pouco do que fizemos naquele ano foi planejado em minúcias, mas quase tudo deu certo — e nenhum engarrafamento foi mais do que um detalhe de percurso ou uma oportunidade para gastarmos um pouco mais o CD de ABBA que agora havia em meu porta luvas.

— Pronto! Roupas estendidas — falei, sorrindo ao entrar na pequena cozinha do apartamento de Felícia e abraçá-la pelas costas. Eu queria poder congelar aquele momento para sempre, protegendo-a com os meus braços. “*O que você está fazendo agora? Quer que eu coloque os pratos na mesa?*”, soltei-a com relutância para poder gesticular o que eu queria dizer, deixando-a trabalhar em paz.

— Não, acho que não vamos precisar de pratos — Felícia picava tomates sobre uma tábua de cortar legumes com eficiência, e beijou minha bochecha sem causar um acidente com a faca enorme que utilizava, algo que eu definitivamente não teria sido capaz de fazer. — Considerando que nossa festa de pré-Natal, pré-viagem e viva México tem de tudo um pouco, pensei em só colocar as comidas em vasilhas grandes e deixar com que os convidados se sirvam.

“*E também é sua festa de aniversário*”, sinalizei, roubando um pedaço de tomate, após olhar em torno do perímetro da cozinha, buscando algo a ser feito. Felícia, de alguma maneira, havia conseguido vestir vermelho e verde de uma forma que parecia adorável, nada alusivo às árvores de Natal, e tudo o que consegui fazer foi levar uma vasilha cheia de batatinhas para a mesa da sala antes que a campainha tocasse. “*Feli, posso atender a porta?*”.

— Faça-me o favor, é claro que sim! — ela berrou, indignada. — Inclusive deve ser o próprio Rodrigo, então você já pode abrir a porta e trazê-lo aqui para a cozinha, para temperar o *guacamole* daquele jeito que só ele sabe.

Girei a chave na fechadura, constatando a veracidade da suposição de Felícia. Abracei meu primo, cumprimentando-o também em LIBRAS — a forma através da qual nos comunicávamos na maior parte do tempo, já que ele veio para a capital paulista morar comigo na pior época da recuperação de minhas pregas vocais. Não tive sequer tempo de comunicá-lo do pedido de Felícia, todavia; a porta do elevador se abriu novamente, revelando Júlia, minha irmã, carregando várias sacolas de supermercado nos braços.

— Oi, Tetéu — minha irmã se espremeu no minúsculo hall entre as portas dos dois apartamentos do quarto andar, fazendo as sacolas disputarem espaço com sua pasta onipresente de advogada séria. — Não faça essa cara de bocó, por favor, e me ajude a desentulhar essas coisas daqui, porque preciso abraçar a melhor sagitariana que conheço o mais rápido possível, antes que ela resolva me entupir de comida mexicana ou que alguém a cumprimente primeiro, deixando meu presente sem graça — Júlia riu, estalando um beijo em minha bochecha após receber a ajuda requisitada, rumando em direção à cozinha.

Recordo muito claramente que da sala foi possível ouvir o grito de “Feliz aniversário, miga!” e a interjeição assustada de Felícia, assinalando o que descobrimos depois ser a inutilização de um dente de alho sendo cortado, naquele momento salpicado pelo sangue da minha cozinheira favorita, que se machucou com o susto.

Mais pessoas começaram a chegar, e logo o pequeno apartamento de Felícia estava preenchido por risadas e pelo menos dez pessoas espalhadas pelo chão da sala, comendo *nachos* com *guacamole* e falando bobagens. Ela estava cercada pelas pessoas que a amavam, e eu sentia um calorzinho no peito toda vez que a via sorrir, o que acontecia com uma frequência impressionante. A decoração natalina com essência mexicana tradicional cinematográfica — sombreiros, cactos, maracas — foi complementada pelos brigadeiros de aniversário e nossos chapéus verdes, vermelhos e brancos, e a hora do “parabéns” foi complementada por uma musiquinha em espanhol cantada pelo Rodrigo. Até o pai de Felícia apareceu em algum momento da festa, sendo apenas autorizado a ir embora com um pedaço de bolo em mãos e um chapeuzinho de aniversário na cabeça.

Sob as luzes amareladas de seu pequeno apartamento, com as malas fechadas e uma grande viagem pela frente, Felícia parecia realizada como eu jamais a havia

visto. Ela não precisava de lentes cor de rosa para se analisar e conseguir ver ao menos uma fração do que eu via quando admirava seus olhos: a garota que eu amava havia acelerado à frente do engarrafamento, tomado um caminho alternativo, encontrado uma saída, e ali estava.

Pronta.

“*Opa*”, gesticulei, deslizando a porta de correr da pequena sacada do apartamento de Felícia “*Oi, Juju*”.

“*Oi*” Júlia sinalizou de volta, sorrindo para mim na penumbra, iluminada apenas pelo brilho da tela de seu celular “*Tudo bem?*”.

“*Tudo*”, respondi, aproximando-me para abraçá-la “*A gente mal conseguiu se falar hoje. Como foi de viagem até São Paulo? Bem?*”.

— Bem... — minha irmã hesitou, interrompendo-se ao ouvir o bipe de notificação de uma nova mensagem.

“*Pode responder se quiser*”, gesticulei, afastando-me para que ela se sentisse mais à vontade.

“*Não, deixa pra lá*”, ela franziu o cenho, balançando a cabeça ao guardar o aparelho no bolso de trás da calça jeans “*Minha viagem foi normal, quero saber é de você. Como você está lidando com essa situação toda, Tetéu?*”.

Inspirei fundo, massageando meus próprios ombros em um gesto automático de desconforto. Eu não sabia se estava pronto para falar sobre aquilo — Felícia ia embora na noite seguinte, e Júlia não estava fazendo perguntas para me torturar; ela o fazia porque se preocupava comigo, como sempre.

Já havíamos passado boas horas trocando mensagens sobre o que ela definia como “uma nova guinada no meu destino” — no caso, o meu encontro com Felícia em meio a tantas coincidências — e minha irmã, além de me dizer para manter o seu aparelho celular e seu icônico nome de usuário no aplicativo do Waze, foi compreensiva e paciente para ler infindáveis mensagens sobre a menina por quem eu estava apaixonado.

“Fatidicamente apaixonado”, ela dissera.

A empatia de Júlia sempre me pareceu descomunal de tão poderosa. Naquele momento, mesmo que não confessasse sequer para mim mesmo, eu me sentia como se estivesse tentando me equilibrar sobre o vazio ou tentando pegar uma saída no congestionamento estando do outro lado da pista. Eu me sentia impotente: Felícia estava indo para longe, e, além da ciência ardida de que não poderia zelar por ela tanto quanto gostaria, minhas horas preso em engarrafamentos voltariam a ser solitárias. Naquele dia eu já havia gasto algumas delas preso em uma armadilha mental de “O que devo fazer agora”. Júlia não tinha como saber o que se passava na minha cabeça, mas o apoio e o carinho que me eram oferecidos faziam com que eu me sentisse seguro para falar sobre qualquer coisa.

E eu despejei sobre ela em questão de minutos tudo o que sentia, sentindo algumas lágrimas salpicarem minhas bochechas, ocultas pela escuridão daquela noite morna de verão. Não é como se nós não tivéssemos já conversado antes: a simples presença da minha irmã, de todo modo, acalmava-me mais do que qualquer mensagem de texto.

“Eu sinto que estou me pressionando para tomar uma iniciativa em relação a tudo”, finalizei, afinal, meu monólogo. Então afaguei distraído um dos pés de berinjela de Felícia.

— Tetéu, acho que você precisa ir com mais calma — Júlia verbalizou, envolvendo meu ombro com sua mão em um aperto preocupado. — Eu senti, e não sem que doesse em mim mesma, o quanto daquele Matheus que saiu de Pomerode pela primeira vez, pronto para mergulhar de cabeça na capital de São Paulo, simplesmente desapareceu depois daquele acidente traumático. Acho que você não teve muita noção na época do quanto aquilo te modificou. Tudo o que veio depois foi por simples repercussão da, ousou dizer, pior noite da sua vida. Você passou a viver em função de quem se tornou, e não tem nada de culposos nisso. A situação justificava — minha irmã falava com a voz mansa, como se temesse me machucar. Eu, porém, sentia o peso da verdade em cada uma de suas palavras, e estranhamente admitir aquilo não doía, mas era libertador. — Agora, cinco anos depois, parece que você quer recuperar o tempo perdido. Eu reconheço um pouco do que você está sentindo: é culpa por ter desperdiçado

tempo, não é?

“É”, concordei, dando de ombros *“E é bem como você disse: eu sinto que vivi tanto tempo pensando nisso, preso nesse engarrafamento mental, que se tornou difícil encontrar uma saída. A Felícia encontrou a dela, e agora eu preciso pensar na minha também”*.

— Encontrar uma saída pode não ser tão difícil quanto você pensa — disse Júlia, e eu podia senti-la sorrindo.

“Eu sei”, balancei a cabeça, sentindo-me muito mais leve *“É que sabe como é, Newton estava certo em relação à Lei da Inércia: quando nada exerce influência sobre um corpo, ele tende a permanecer em repouso ou movimento retilíneo uniforme. Ter sempre a desculpa de estar estagnado em um engarrafamento é muito mais fácil do que seguir o trajeto correto”*.

“Independentemente disso tudo”, minha irmã sinalizou, voltando a deslizar a porta da varanda para abri-la e gesticulando para que voltássemos à sala *“Você vai ficar bem. Estou aqui para o que você precisar. Na verdade”*, Júlia hesitou, observando através da cortina fina da sala Felícia gesticular animadamente ao conversar com duas amigas *“Vocês dois vão ficar bem”*.

A música natalina que agora tocava na *playlist* México-Natal-aniversário montada por Felícia especialmente para a festa invadiu o ar tépido da noite com um solo melancólico de *acordeón* bem quando ela se virou em minha direção, as tranças laterais das quais eu tanto gostava quicando sobre seus ombros, e os olhos sorrindo junto com a boca, pedindo sem nenhuma palavra para que eu chegasse mais perto. Meu peito se espremeu em um ímpeto de saudade antecipada, e tive vontade de pedir a ela mais dias ao seu lado. Mais horas para conversar, mais minutos para vê-la sorrir: olhar para Felícia naquele momento já me parecia o mesmo que olhar através de um objeto translúcido — era como se a garota que eu amava estivesse se desvanecendo; sua presença estava ali, mas sua mente já estava no futuro.

Pouco a pouco, eu sentia com temor a imagem que mantinha de Felícia na minha memória se embotar: as cores menos vívidas, os contornos menos delineados. O que ela estava me mostrando sem perceber naqueles segundos em que eu passei pela porta da varanda, afastando a cortina e andando pela sala até chegar na

ponta do sofá onde estava sentada, porém, é que, assim como a inércia dos engarrafamentos quase nada revela sobre a natureza da via expressa congestionada em questão, sua imagem estática que eu buscava a todo custo registrar nas minhas lembranças em pouquíssimos aspectos fazia jus à pessoa que era Felícia.

A menina que fazia inveja ao círculo cromático com suas características exteriores e sua essência não seria jamais registrada por inteiro em uma fotografia mental: ela estava na efervescência que me causava, no acelerar do meu ritmo cardíaco quando estava por perto, no anseio de abraçá-la e espalhar beijos pelo seu rosto. Ela estava nos novos CDs do meu carro, deixava seu cheiro nas minhas roupas e bagunçava minha cozinha. Ela estaria ali, mesmo distante. E, independentemente de onde eu pudesse ir agora, ela estaria comigo.



Eu estaria mentindo se dissesse que ver Felícia embarcar foi fácil. Vê-la acenar quantas vezes pôde na fila de embarque — e, depois, através do vidro embaçado — me causou um aperto inexplicável na garganta que não tinha absolutamente nada a ver com a paralisia das minhas pregas vocais. Era pesar por não sempre poder acompanhá-la, e passei o Natal meio taciturno, engolindo em seco e piscando com força toda vez que alguém a mencionava. Eu havia voltado a Pomerode para celebrar o Natal com a minha família, mas, sem surpresas, grande parte dos meus parentes se decepcionou ao me ver sozinho descendo do ônibus, procurando pela namorada a qual vovó tanto tinha alardeado para eles. Felícia passou a festividade em uma reunião realizada na casa do professor que a convidou para participar do seu projeto de pesquisa, e, enquanto eu comia marreco com laranja e porco assado, ela me mandava mensagens contando quantos tipos de prato com milho estavam sendo servidos.

Minhas férias em Pomerode sempre são silenciosas. Exceto por Rodrigo, que fala comigo em LIBRAS, e pelos meus pais, já um pouco habituados à minha maneira de falar, as poucas vezes que voltei à minha cidade natal após ter ingressado na melhor universidade que oferecia meu curso dos sonhos não foram benéficas para aperfeiçoar as vias de comunicação entre mim e o resto da família. Sem Rodrigo, que havia voltado logo após o dia vinte e cinco a São Paulo, para conhecer a família de sua nova namorada, aproveitei a repentina calmaria para andar pelas ruas que me eram tão familiares sem ouvir o barulho de congestionamentos ou buzinas ao qual já estava habituado, e, em uma dessas caminhadas, vi-me diante da antiga casa do professor Messias.

Hesitei. Não possuía dúvidas quanto à receptividade de meu antigo mestre, mas

dona Helena era sempre mais retraída, sorrindo timidamente por trás das bandejas de caruru e andando furtiva por sua própria casa, enxugando as mãos no avental de cozinha que parecia ser uma peça permanente de seu vestuário. Que direito tinha eu de importunar aquela senhora, que devia ainda guardar tantas mágoas em relação ao falecimento do marido? O professor Messias não fazia distinção entre trabalho e lar, prazer e dever, e quantos de seus finais de semana — o tempo que passaria com dona Helena, imagino — não eram esgotados com peregrinações intermináveis de alunos e ex-alunos à sua casa, sempre batendo à sua porta, sempre comendo de sua comida e tomando seu tempo de descanso. Passei duas vezes em frente à casinha de arquitetura alemã sem sequer ousar pisar em sua calçada; na terceira vez, porém, percebi a própria dona Helena do lado de fora, segurando um rolo de pintura embebido em tinta rosa claro, pintando a fachada da casa.

— Bom dia, dona Helena — articulei as palavras com cuidado, tentando atribuir firmeza a elas, fazendo a senhora de cabelos grisalhos se virar em minha direção com a sombra de um sorriso bondoso em seu rosto.

— Bom dia, querido — ela pousou o rolo de pintura sobre a bandeja, limpando as mãos na lateral das pernas, naquele gesto característico que a observei repetir centenas de vezes, e andando até onde eu estava. — Faz muito tempo que não o vejo, Matheus. Como vai a faculdade de Química? Já se formou?

— É, eu... — eu estava atônito por sua lembrança. O professor Messias tinha centenas de alunos, e eu não era um privilegiado por frequentar sua casa; todos o faziam, entrando e saindo rapidamente, comendo os bolinhos oferecidos por dona Helena e por vezes ficando para as refeições. O casal ao qual me refiro não tinha filhos, mas sua sala de jantar era equipada com uma das maiores mesas que eu já havia visto; “Para a casa estar sempre cheia e não se fazer desfeita para convidados”, dizia meu antigo mestre. — Já me formei, sim. Como está a senhora? — perguntei, esforçando-me ao máximo para impostar minha voz da melhor forma possível, ainda que me causasse um enorme desconforto.

— Arre, menino, que assombro é esse? — ela riu com gosto, abrindo o portão de ferro que separava a rua do pequeno jardim. — Eu estou ótima. Entra e vem tomar um café, que eu acabei de fazer bolo de fubá com goiabada.

Era dia vinte e sete de dezembro. Meu celular apitou com uma nova mensagem de Felícia, e sorri em uma mistura agri-doce de carinho e saudade quando ela me contou que quase ninguém no México sabia o que era ABBA. E que ela sentia minha falta.

Eu havia subestimado dona Helena. Com os olhos sempre voltados para meu antigo e querido professor, a baiana sem papas na língua que sempre estava oferecendo algum tipo de comida passava despercebida pelos alunos de meu colégio, e dela só sabia ser professora, assim como o marido. Em que circunstância eu poderia imaginar que ela trabalhava com crianças surdas, sabia de trás para diante os nomes de cada pupilo do marido e buscava acompanhar o que cada um andava fazendo?

Tendo ficado em silêncio por tanto tempo, conversar com aquela senhora de sessenta e sete anos muito bem disfarçados na aparência através da LIBRAS foi como libertar toda a pressão de uma chaleira sobre o fogo há muito tempo. A senhora Helena tinha gana por viver, e não era nem um pouco parecida com o modelo de esposa submissa o qual eu havia composto em minha mente para ela. Suas opiniões possuíam a experiência de quem já enfrentou todo tipo de dificuldades, e ela esticava a conversa com versatilidade, falando sobre a educação de surdos no Brasil e as dificuldades de se ter um corpo docente bem preparado com a mesma desenvoltura e tenacidade que me fez decorar a receita daquele bolo delicioso, para que eu pudesse “refazer em casa”. Dona Helena tinha muitas dúvidas em relação à minha saúde — ela também havia lido as notícias sobre o trote nos jornais paulistas antes que fossem retiradas de circulação — e ficou curiosíssima quando demonstrei para ela como era capaz de “falar” através do sintetizador de voz do meu *smartphone*.

Minha comunicação com as pessoas ao meu redor não é algo fácil. Eu saí daquela casa parcialmente cor de rosa no dia vinte e sete de dezembro, sorrindo como se tivesse discursado a um auditório lotado. Era bom ser ouvido e conseguir estabelecer um vínculo comunicativo com alguém. No meu antigo emprego, eu precisava me esforçar para falar o mais normalmente possível — esse era um dos requisitos essenciais, e apenas de saber que estou agora sentado nessa praia sem me preocupar jamais com aquela empresa consigo respirar aliviado. Não se trata apenas de tolerância, mas de respeito às necessidades

individuais de cada um, foi o que dona Helena me disse ao final de nossa conversa, e anuí, lembrando quantos ovos levava sua receita de bolo.

Foi respeitando meus limites que não enviei meu currículo a nenhuma empresa na qual já tivesse estagiado após o término de meu último contrato de trabalho, não renovado e não constituído como alvo do meu interesse. Eu já conhecia a maneira através da qual essas corporações funcionavam, e nenhuma delas me pareceu priorizar a pessoa que eu era, ou ao menos me respeitar com todas as condições que isso implicava.

Pensar agora sobre o futuro parece ao mesmo tempo tão abstrato e tão tangível que, às vezes, essa noite parece interminável, e a única certeza que mantenho é a da areia entre os meus dedos dos pés. A praia está finalmente silenciosa, o que talvez denuncie quanto tempo passei aqui, usando as primeiras horas do Ano Novo pensando no que pode estar por vir. Os últimos doze meses da minha vida me envolveram em um vórtice tão grande de mudanças que as poucas certezas que mantenho foram misturadas a tantas outras dúvidas na verborragia desse documento monográfico, o qual seria certamente depreciado pelo meu antigo supervisor de departamento. Ele nada mais tem a ver comigo, porém: os fios ligados a mim pela teia de coincidências parecem me empurrar a outra direção, e, ainda que eu tenha medo, não quero ser impedido por ele.

Porque estar em um acúmulo de carros como aquele que integrei naquela tarde de sexta-feira, ao mesmo tempo em que é se perder em meio à multidão, é o potencial de estar sempre se dirigindo ao seu destino. Pode ser que leve tempo para o trânsito fluir, pode ser que seja difícil de lidar com os motoristas ao seu redor, pode ser que não haja ABBA que baste para aplacar sua impaciência; mas, afinal, todos conseguem tomar seu rumo, e coisas fantásticas podem acontecer durante o percurso.

Conhecer Felícia foi um desses acontecimentos fantásticos para mim, uma colisão que, de um jeito ou de outro, mudou o meu rumo — e agora ela tomou ainda mais a dianteira.

Talvez esteja na hora de eu fazer exatamente o mesmo.

Talvez, afinal, seja o momento de eu buscar por novos engarrafamentos.

AlguémMeSalva: Você sabia que a frota automobilística da Cidade do México consegue ser AINDA MAIOR que a de São Paulo?

LoveMadonna: Bom, sim. Lembra que eu pesquisei isso naquela noite em que fizemos berinjela assada e recheada com carne e molho na sua casa?

AlguémMeSalva: Math, vc acha que eu estava prestando atenção em algum dado estatístico quando se considera que havia berinjela perto de mim? :P

LoveMadonna: Quer dizer que você não presta atenção em nada do que eu digo quando estamos próximos da sua plantação experimental de berinjelas? Acho que vou me considerar ofendido.

AlguémMeSalva: Quando há berinjelas em jogo minha atenção é seletiva, não se ofenda. Por exemplo, lembro de cada palavra que vc disse sobre ter se perdido perto do parque Ibirapuera procurando uma rua com nome de aldeia indígena HAHHAHAHA.

LoveMadonna: Poxa, Feli, você só lembra dos meus piores momentos

AlguémMeSalva: Não é verdade!! Eu estava me lembrando hoje mesmo de um dia de sábado no qual provei o melhor guioza que já comi...

AlguémMeSalva: Eu sinto sua falta.

AlguémMeSalva: Descobri que ninguém aqui do México q conheci até agora sabe o que é ABBA.

LoveMadonna: HAHHAHAHAHAHA

LoveMadonna: Se os níveis produtivos da Cidade do México caírem nas estatísticas dos próximos meses, já sei que é porque estão todos ocupados com *Dancing Queen*.

LoveMadonna: PS: Sempre sinto sua falta, Felícia.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: Amo você.

Considerações Finais

Diante dos fatos apresentados, posso dizer que passar as primeiras horas desse novo ano pensando na minha monografia sobre engarrafamentos foi uma experiência a qual eu não esperava vivenciar. Sentado aqui com você, apenas nós e a areia da praia salpicada de rolhas de espumante e latinhas de cerveja, percebo o quão bom foi ser ouvido. Assim como fui ouvido por dona Helena, por Felícia e pelas novas pessoas que andaram cruzando meu caminho, essa análise monográfica foi essencial para tecer novos elos me conectando à minha própria existência.

Entretanto, sinto que omiti alguns detalhes não relevantes para os meus propósitos monográficos que ainda são alvo de sua curiosidade. Onde está Júlia agora? Por que estou sozinho na virada do ano, umedecendo meu jeans sobre a areia e pensando longe, sem realmente ver os tantos fogos de artifício que explodiram no ar tépido dessa noite tão escura?

Sabe, por mais que eu acredite nas boas energias das nossas conexões com as pessoas e coisas à nossa volta, nem sempre elas conspiram a nosso favor, ou ainda arquitetam seus padrões para que se adequem ao que desejamos. O que ocorreu nesse ano que passou foi muito mais do que eu poderia sequer cogitar, e minha gratidão estava direcionada a isso quando molhei meus pés na água logo ao pisar na areia. Quanto mais tentamos antever o futuro, eu acredito, mais podemos nos frustrar com os reais acontecimentos de quando ele se tornar o presente: depositando muitas expectativas sobre o destino — algo que estamos condicionados a fazer, seja na vida, seja mesmo nos aplicativos de trânsito, que conseguem prever vários caminhos, mas se fixam apenas na parada final —, deixamos de apreciar o trajeto.

Talvez o chiado monótono do rádio persistisse na atmosfera do meu veículo por muito mais tempo se eu não tivesse enviado uma única mensagem a Felícia naquela sexta-feira: talvez meu impulso tenha sido um dos elementos da teia de coincidências que me fez adiantar um evento já preparado para ocorrer, ou talvez tenha sido tecido um fio completamente novo na teia a qual nos envolvia, mudando todo o curso dos acontecimentos. Não há como sabermos.

LoveMadonna: Você acha que nós teríamos nos conhecido de outra maneira se não fosse por aquele carro amassando a lateral de seu carro e a mensagem que enviei?

AlguémMeSalva: Não tenho a mínima ideia. Mas não parece meio assustador pensar que dependemos apenas daquele evento para nos encontrarmos?

AlguémMeSalva: Não sei se estou exagerando, mas conhecer vc, Math, foi como um marco na minha monotonia. Foi a minha própria colisão.

AlguémMeSalva está digitando...

AlguémMeSalva: Considerando que estou duas horas atrás de vc no fuso horário e aqui no México ainda não é ano novo, acho que deveríamos fazer uma prece de agradecimento para as coincidências e seja lá quem as coordena. Você não acha?

LoveMadonna: Acho. Também acho que deveríamos retirar a convenção que define “seu sorriso é lindo” como uma cantada barata, porque o seu além de lindo parece que impele a gente a sorrir de volta. Estou me sentindo até meio idiota por sorrir só de pensar em você, sozinho no escuro. Pelo menos o mar está bonito.

AlguémMeSalva: Saudade, moço dos jeans estilosos.

LoveMadonna: Saudade, moça do sanduíche de atum e berinjela.

Felícia tem a minha saudade e carrega boa parte dos meus pensamentos, e ela sabe disso. Em alguma parte do desenvolvimento dessa monografia, “o estudo das coincidências produzidas pela conectividade que nos liga a tudo à nossa volta” foi descartado como questão principal, e talvez eu tivesse consciência de que toda essa digressão culmina na moça que agora irradia suas cores em um país consoante com a sua personalidade.

Essa constatação, contudo, não quer dizer o insucesso dos meus propósitos monográficos: mesmo estando mais do que evidente o desvio do tema inicial, uma monografia, como te disse ao início dessa história, é uma descrição especial de um único assunto.

Transcendendo Felícia, falei sobre nós. A vida nunca será um documento ordenado como este, com epígrafe, resumo, introdução, desenvolvimento e sei lá quantas partes mais, muito menos seguirá nenhuma norma da ABNT.

Somos construídos a partir das coincidências e das ocasiões, a partir das estruturas formadas pela teia que nos inclui desde que nos reconhecemos nela. As possibilidades e probabilidades parecem tantas que já chegaram a me assustar ainda mais que o cálculo de quantas horas passava nos engarrafamentos da capital paulista — hoje, porém, fechando os olhos por alguns milissegundos a mais ao caminhar pela orla da praia, consigo esboçar um sorriso tranquilo. Não há cálculo matemático que afirme o que sinto por Felícia, e não é um engarrafamento de uma via expressa ou os sete mil, quatrocentos e vinte e sete quilômetros que separam São Paulo da Cidade do México que irão romper a nossa ligação.

Da mesma maneira que Felícia me influenciou, eu também influenciei a ela. E ainda não é a hora de desfazermos os entrelaces que nos unem.

LoveMadonna: Feli, eu já te contei que achei uma promoção ótima de passagens em um voo para a Cidade do México em fevereiro? Sempre tive curiosidade de saber como é o verdadeiro guacamole.

Confiar apenas nas boas energias da teia de coincidências, porém, não é algo exatamente do meu feitio de se fazer quando uma mensagem pode ser o início do entrelace de novos fios. Ou, quem sabe, um simples clique sobre um botão que diz “comprar passagem”.

É impossível achar que podemos controlar ou sequer tanger o futuro. Eu não sabia o que aconteceria depois daquilo, mas estava muito animado para descobrir. E para envolver Felícia no abraço mais apertado que eu pudesse lhe dar.

A garçonete do café do aeroporto observa o casal da mesa nove atentamente, de forma quase descarada. Seu dia foi cheio, mas rotineiro, e ela mal se deu ao trabalho de observar as feições dos seus clientes que iam e vinham com rapidez,

sempre sem tempo a perder.

Eles, por outro lado, parecem estar em um mundo à parte, em uma bolha de sabão que envolve a ambos apenas — não aquela bolha particular que justifica os empurrões acidentais de quem está correndo apressado pelo corredor, ou entrando com urgência no vagão do metrô, mas o alheamento dos apaixonados. A garota tagarela fazendo grandes gestos com os braços, fazendo seu companheiro de mesa sorrir por cima da borda da xícara de cappuccino, e a garçonete volta a lixar as unhas.

Espera. Ela já havia notado algo de *errado*, mas só agora se dá conta de que alguma coisa está faltando.

Ele parece carinhoso e meigo, e seus olhos brilhantes denunciam a admiração nutrida pela possível namorada. Talvez eles estejam saindo ou prestes a entrar em um voo longo, pela quantidade de bagagem que carregavam quando entraram no café, mas ele parece manter uma calma que cai bem em suas feições à mesma medida que a garota mantém sua animação, balançando suas tranças em seus ímpetos narrativos de algum episódio que envolveu *tortillas* de milho e algum figurão importante da universidade. Todavia, o cara que a atendente tanto admirou quando o sino sobre a porta do café soou pela enésima vez no dia ainda não pronunciou uma palavra sequer.

Nenhuma palavra.

Agradecimentos

Antes de ser um livro, “Uma monografia sobre engarrafamentos” era um conto. Ele foi uma inspiração que veio depressa enquanto eu usava o aplicativo Waze em São Paulo, me divertindo ao bisbilhotar os nomes de usuário dos ícones que se moviam na tela. Publiquei o mesmo para participar de um concurso na plataforma do Wattpad e, sem querer, meu protagonista conquistou os poucos e dedicados leitores que eu tinha em uma questão de quatro capítulos. A cada notificação que eu recebia (e ainda recebo), eu sorria junto com eles, sabendo que o mérito todo na verdade pertencia ao Matheus. E à Felícia.

Para o conto virar um livro, porém, foi necessária uma sucessão de acontecimentos tão incrível e aleatória que escrever sobre a teia de coincidências que conecta eu e você a todos que estão ao nosso redor através do Matheus não foi nenhum esforço de raciocínio. Foi colocar no papel algo em que eu acredito.

Encontrei a Bruna Fontes na FLIPOP, em junho de 2018. Eu tinha pego um ônibus para ir ao lançamento de “Trago seu amor em 3 dias” — o livro da Mel Geve (a autora mais fofa que já conheci) — e voltar para casa. Mas a Bruna, entre tantos leitores, conseguiu me reconhecer da Bienal de 2016 durante a nossa conversa, quando meu cabelo era azul e minha timidez de leitora não permitia muito mais do que um sorriso. Alguma coisa com certeza aconteceu no meio do caminho, mas meses depois eu estava bebendo um cappuccino muito bom em companhia de uma das minhas autoras preferidas do Wattpad, compartilhando ideias sobre Monografia, concluindo e tecendo a construção de um texto que mal existia. Junto com as meninas da Duplo Sentido Editorial — e a gata Bolota —, ela queria publicá-lo. E, Bruna, eu não teria conseguido passar do primeiro capítulo sem você.

Por isso, antes de qualquer coisa, muito obrigada por terem acreditado em mim e na minha história de dezesseis páginas. Vocês são incríveis e ainda não consigo processar bem o fato de que agora a história do Matheus e da Felícia é um livro.

Vamos aos ditos cujos, então! Preciso dedicar um agradecimento enorme para os meus leitores do Wattpad. Foi por causa da plataforma que publiquei meus

primeiros contos, foi por ela que este livro está em suas mãos; foi através dela que aprendi ainda mais sobre o processo de escrever, me aproximei de quem acompanha crônica por crônica e capítulo por capítulo que publico, e conheci pessoas maravilhosas. Maria, obrigada pelas conversas, pelos áudios enormes e pelas epifanias conjuntas malucas à distância. Hyana Bruna, obrigada pelo carinho e pelos diálogos intermináveis no Whatsapp. Você e a Maria são especiais, estejam onde estiverem, e ainda são parte do que tornam o Wattpad tão divertido.

Do lado de fora da tela do meu computador e do meu celular também existem várias pessoas a quem eu devo muitos obrigadas. Ao meu tio Clovis, que foi o primeiro a ouvir meu falatório animado sobre o livro, e que vive alardeando minhas conquistas para os amigos do Facebook. À minha tia Sizuê

e à minha mãe, Liette, que acompanharam todo o processo de escrita dessas páginas, me apresentaram à literatura, para começo de conversa, e sempre me apoiaram — algo pelo qual nunca conseguirei agradecer o suficiente. Ao meu avô, que me achou toda vez que me escondi naquele cantinho em cima da escada para escrever nos finais de semana. Ao professor Fábio, pelo incentivo e pelo carinho, e à Mariléia, pelo apoio e por tirar todas as nossas dúvidas sobre contratos desde 2016.

Marina, obrigada por ter opinado nos trechos que me deixavam em dúvida e permitido que eu invadissem seu quarto para escrever por horas. Tudo que envolve “Mamma Mia” está neste livro por sua causa, embora as músicas de ABBA ainda me irrite um pouco. Victor, muito obrigada por cada minuto dos seus intervalos cedidos às nossas conversas — e por ter pedido para eu ir dormir toda vez que fazia planos de terminar um capítulo de madrugada (mesmo que eu não tenha te ouvido muito).

Também com carinho: muito obrigada Alícia, Anna, Douglas, Eliseu e Thiago, por terem me ouvido tagarelar sobre o livro de forma desconexa e por sempre perguntarem como iam as coisas. Vocês me ajudaram muito mais do que imaginam.

E, por fim, para o usuário do Waze com o nome de *LoveMadonna* que estava passando pela avenida Tiradentes naquela quinta-feira: obrigada pela inspiração, e me desculpe se de repente você começar a receber um monte de mensagens de

pessoas desconhecidas.